



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

Os filhos de Siva



EDITOR E PROPRIETÁRIO: F. A. MIRANDA SOUSA
COMPRÉSSA NA EMPLUSITANA EDITORA
C. do FERREGIAL 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. do FERREGIAL 23, LISBOA

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia . amador
Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- 1 Crimes ao palacio Jackson
- 2 O caso d'uma perna
- 3 Evasão d'um malvado
- 4 Crimes impunes
- 5 Calvario d'um assassino
- 6 Um attentado terro isto
- 7 A crendice murtir
- 8 Resgate sangrento
- 9 A falsa suicida
- 10 Um drama nas nuvens
- 11 Junto da guilhotina
- 12 Jackson, em poder dos bandidos
- 13 O cão policia
- 14 O esquiteiro vivo
- 15 Bandidos de casaca
- 16 A rainha dos apaches
- 17 Duas façanhas motáveis
- 18 Jackson envenenado
- 19 Ressurreição de Jackson
- 20 Sapatos de defuncto
- 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes
- 22 Mulheres policia
- 23 Um milhão de francos
- 24 As bravatas de um Yankee
- 25 Coração torturado
- 26 O quarto dos mortos
- 27 A cabeça cortada
- 28 O sequeiro do conde
- 29 Traição pela areia
- 30 A derrota dos bandidos
- 31 Os mysterios de Chicago
- 32 O subterfugio dos cadaveres
- 33 Por seguir um a mulher
- 34 A renuncia de Lord Jackson

60 cada volume == Serie completa, 2.000 rs.

JIU-JITSU
Livro para a 4.ª classe dos Lyceus
— 1 volume illustrado 400 rs. —
C + photographias de paginas + 3
600 reis

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

Salões luminosissimas
com bellas e numerosas gravuras intercaladas
no texto

A Modern-Bibliotheca é constituída por edicoes luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:
I — Ditoso lar, por Marcel Proust
II — Aphrodite, por Pierre Louys
III — Prima Laura, por Marcel Proust

500 Rs. Preço de cada volume brochado Rs. 500

TRATADO PRATICO DE GYMNASTICA SUECA

por L. C. Kamlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in 8.º gr.

300 rs.

100 maneiras de nos defendermos na rua
200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

O REI DOS MARES AVENTURAS DO CAPITÃO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos
Publicado quinquenal in 8.º grande com capa artistica a 3 cêrtes de 50

Não se trata de uma personagem ficticia; Morgan existiu: Viveu e perdurou na tradição como o pirata mais extraordinario de todos os tempos.

O romance, rodeado de todos os encantos que lhe são proprios, mostra não do aventureiro e da época em que asombrou o mundo com as suas façanhas. Morgan foi verdadeiramente o chefe d'essa raça de heróis indomáveis, que se tornaram temidos cozes os nomes: accrescidos de Bonnaventura e Filibusteros.

O auctor da obra, que vamos dar a publico, compulsou todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as terribes proezas de que se viu victorioso. A vida dos occorrenças em todos os seus perigos e seduccões mysteriosas, passa pelos olhos do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre d'acerta e de variedade e pelo imprevisto das peripetias.

Volumes publicados

- 1 O thesouro da ilha
- 2 O segredo do pirata
- 3 O marinheiro mysterioso
- 4 O enigma da ilha do Coral
- 5 O navio negro
- 6 Os dois capiteis de piratas
- 7 Inimigos fingidos
- 8 Expedição para a morte
- 9 A nuca do diabo
- 10 A ciadela dos piratas
- 11 O primeiro encontro
- 12 O naufragio de Morgan
- 13 Armas de piratas
- 14 O terror dos mares
- 15 O thesouro fluctuante
- 16 A herança de Punt
- 17 O capador de escravos
- 18 Nos mares da China
- 19 Um thesouro no fundo dos mares
- 20 A conquista do diadema
- 21 Entre os antropophagos
- 22 No pair dos celozos
- 23 O testamento do cadaver
- 24 A paula de ferro
- 25 Na fogueira do Rajah
- 26 Os perigos das ilhas Soutou
- 27 O fã do inquieto
- 28 A mulher-pirata
- 29 A revolta dos 8 marteles
- 30 Nas costas de Inglaterra

As noveias em que se reletam as aventuras do CAPITÃO MORGAN serão publicadas em numero quinquenal.
Cada numero contendo uma obra completa
50 de Portugal 300 reis

LEIAM TODOS
O conquistador de criadas
Eduardo e asse e asse e asse e asse
Um grupo volume com capa artistica e expensas gravatas

300

Novidade Litteraria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Sautory

1 vol. com capa artistica 700 rs

PODE SE CONQUISTAR MULHERES
Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs

RENE EMERY

S.ª Maria Magdalen

Remane das lentes libras

A Pochade de Froussard

11 Chasmon de voluptuosidade
II The Nymph, terra da
puxa. terra. IV Pola senla de
humor. V Boijo supremo

1 vol. tel. em 8.º com cartica cap
2 cêrtes 700 rs.

Numero 166

Lisboa, 22 de Agosto de 1912

Anno IV

Os filhos de Siva

CAPITULO

O fakir ameaçado

A noite estendera o seu manto de estrellas sobre a gigantesca cidade de Londres.

Sherlock Holmes, em companhia de Harry Taxon e d'um terceiro companheiro caminava pela Seward Street, em direcção á sua casa na Bowstreet.

—Suppõe então, senhor Saco, exclamou o grande policia, que se terá capaz de descobrir o seu mysterioso inimigo, e de lhe provar o seu crime, apesar de senhor de ninguém suspellar, sem poder dar-me um indício, por mais leve que seja, que possa fornecer-me uma pista?

—Tenho absoluta confiança no senhor Holmes, retorquiu o celebre fakir, o homem que passava mais d'um mez dentro d'uma urna de vidro, sem comer; se o senhor não deslindar a meada, ninguém mais descobre o meu caso.

—Honra-me muito a sua confiança, exclamou Holmes, sorrindo, mas como quer que eu acbe a pista de um crime planeado contra o senhor, se me diz, apenas, que a sua vida está ameaçada, sem acrescentar mais coiza alguma?

Segui-se, durante alguns momentos, um silencio, continuando os tres homens a caminhar juntos.

A mão emmagrecida do fakir brincava nervosamente com a barba bem cuidada. Como não desse resposta, o policia continuou:

—Recapitulamos: o senhor teve um contracto ha pouco tempo; qual era a casa que o contractou?

—O music-kafi Hengler, retorquiu o fakir.
—Toma nota do nome, na tua carteira de apontamentos, Harry, disse o policia para o seu discipulo. Harry parou junto d'um candieiro e tomou o apontamento necessario.

—Como me disse, continuou Holmes, pouco antes de começar as suas exhibições, o contracto quasi se malograra, porque o empresario recebeu a offerta d'outro artista, que promettera conseguir mais que o meu amigo. Como, porém, o seu nome tem fama mundial, enquanto que o do seu concorrente era absolutamente desconhecido, o empresario preferiu ao senhor Creio que foi isto que se passou?

—Foi, mas isso nada tem com o crime, interrompeu o Saco.

—Talvez tenha, retorquiu o celebre policia; continuemos. Enquanto se preparava para a sua forçada clausura, o senhor percebeu que a agua de Selter de que costuma servir se durante o tempo do seu jejum, tinha um sabor extranho e desagradavel quando-lhe perturbativas digitativas bastante graves. Examinada e analysada a agua, concluiu-se que estava envenenada. Ninguém, segundo o senhor diz, tem interesse na sua morte; mas, diga-me, não suspeitou nunca do seu concorrente, repellido por sua causa? Não pensou n'um acto de vingança, n'um assassinato, planeado pelo seu concorrente?

O rosto intelligente do fakir mostrou uma expressão de surpresa.

—Ainda não tinha pensado n'isso! replicou.

—Que é esse homem? perguntou Sherlock Holmes.

—Não sei; não o conheço. Elle tinha feito a sua proposta por escripto, retorquiu o fakir.

Tinham chegado entre tanto junto da casa do policia.

— Quer subir e tomar conosco uma chavena de chá? ofereceu Sherlock Holmes amavelmente.

O artista recusou, agradecendo.

— Como amanhã o meu trabalho, explicou o *fakir*, fundamentando assim a sua recusa e acenando: — Não me abandone, senhor Holmes!

O polícia prometteu não descurar o caso que começava já a interessá-lo.

— Trabalha então no *music-hall* de Hengler?, perguntou.

— Sim.

— E qual é o seu hotel?

— Cannonstreet Hotel, na Cannonstreet.

— Bem, Harry, toma nota do endereço.

O discípulo do polícia escreveu o endereço, enquanto Holmes abria a porta.

Despediram-se em seguida ambos do *fakir*, que se dirigiu para o hotel.

Nas paredes do *music hall* Hengler, uma enorme casa de espectáculos situada em 8,4 Martins Lane, nas proximidades da National Gallery, estavam afixados enormes cartazes.

Em letras gigantescas, via-se anunciado:

O enigma fisiológico do século XX
O FAKIR RICARDO SACCO
56 dias e 56 noites sem comer

Desde quarta-feira 23 d'Abril, até quinta-feira,
24 de Junho

Exposto ao publico noite e dia

Uma enorme multidão, composta de indivíduos de todas as classes, entre elles dois homens altos e esbeltos, elegantemente vestidos, tendo o tipo de ingleses da boa sociedade, comprinha-se á entrada do famoso *music-hall*.

Os dois homens a que nos referimos eram o genial polícia Sherlock Holmes, e o seu fiel discípulo Harry Taxon.

— É a primeira vez que eu venho ver um *fakir* mettido na sua urna de vidro, exclamou Harry, alirindo custosamente caminho através da multidão.

— Cuidado com as algebras, meu rapaz, avizora o polícia, ella que é uma ocasião excellente para a manobra dos ladrões.

Chegaram em frente da bilheteira, que era occupada por um homem de rosto muito vermelho.

— Dois bilhetes para hoje, pediu o polícia.

— Os senhores não preferem comprar uma assi-

gnatura para todo o tempo que durar a experiencia do celebre *fakir* Sacco? perguntou o empregado. Era uma interogação que elle fazia, estereotipicamente, a todos os compradores de bilhetes.

O polícia repetiu o seu primeiro pedido, pagou, recebeu os bilhetes e dirigiu-se, acompanhado de Harry, para a sala em que se realisava o espectáculo, precedendo a apresentação do *fakir*. No fundo da sala via-se um palco, occulto por um panno de velludo cor de violeta.

Pouco a pouco, a sala foi-se enchendo de espectadores, ansiosos pelo espectáculo que, segundo o programma, seria composto de numerosos altamente sensacionais.

A orchestra, occulta atraz da scena começou a tocar um Nocturno de Chopin, doce e melancolico.

Abriu o panno e appareceu em scena uma rapariga, maravilhosamente bella, coberta por uma onda de cabellos louros, que a vestiam completamente.

Um vestido de gaze, d'um verde glauco, realçava-lhe as formas esplendidas e juvenis. Tinha os olhos cerrados e a cabeça levemente inclinada para traz. As mão estendiam-se para diante, como inertes. Dizia-se assim até ao centro do palco, dando ao publico a sensação de estar vendo uma somnambula.

A dança da somnambula! Assim a denominava o programma.

Lentamente, a artista começou a mover-se ao compasso da melodia, descrevendo linhas e fazendo movimentos d'uma suave e encantadora belleza.

Fogo de Bengala flamejante de subito, envolvendo a dançarina n'um reflexo todo violeta.

A artista demorou-se alguns segundos n'aquella pose, seguindo d'pois a musica, os mesmos momentos suscitados e cheios de profundo encanto.

Quando o panno cahiu, os applausos seguiram-se, prolongados e entusiasticos.

A mesma dançarina veio, depois vestida de *pierréte*, dançar uma enladrada valsa de Strauss.

Os seus movimentos agéis, flexiveis e elegantes, arrebataram novamente o publico.

A orchestra tocou em seguida uma sonata de Beethoven.

Ao abrir, de novo, o panno, appareceu em scena uma mulher alta, envergando um riquissimo vestido de velludo amarello torrado, de longa cauda.

O rosto magro, bronzado, enquadrava uma olhos esplendidos ardentes.

O cabello estava penteado em dois bandós simplissimos, sem o mais leve enfeite.

Empunhava uma pequena lyra dourada e encostava-se a uma columna, tendo tudo um ar antigo e tragico.

Em seguida, com voz pausada e forte, mas onde se ouvia um som lugubre, e acompanhando-se nas cordas douradas da lyra, cantou os versos, antigos, mas sempre bellos, do homem que, invencido pela

amante e para lhe provar o seu amor, mata a propria mãe, arrancando-lhe o coração palpitante.

Dirigiu-se em seguida, á morada da mulher que o enloquecera e, com a pressa com que caminha, tropeça e cae. Escapa-lhe o coração da mãe, que em suas mãos levava, e rólá pelo caminho. Ergue-se o matricida e parece-lhe, então, ouvir uma voz, que parte do solo, junto do coração cahido, e que lhe diz:

«Magoeste-lhe, meu filho?»

Uma dissonancia terminava a canção.

O publico, emocionado, applaudiu vivamente.

As ultimas palavras tinham sido pronunciadas com uma voz tremula, onde havia lagrimas.

Seguiu-se um longo intervallo, que precedia o numero mais sensacional do programma.

O pesado panno de velludo foi afastado pela terceira vez.

Aos olhos dos espectadores deparou-se uma grande urna de vidro, cujos angulos eram sustentados por régus de madeira.

O interior da urna era disposto como um pequeno salão. Em frente d'uma pequena secretária coberta de livros, papeis e d'isteiros, via-se uma confortável cadeira. Um dos lados da urna era occupado por uma *chaise-longue*, coberta por um tapete persa.

Sobre uma pequena mesa estava um grande numero de garrafas, contendo agua mineral e uma caixa cheia de cigarros.

A pequena porta da urna estava aberta. Com passo rapido, o artista appareceu no palco, curvando-se para todos os lados.

Depois de esperar que se acogiasse um pouco o entusiasmo do publico, o *fakir* adentrou-se e, sorrindo, pronunciou o seguinte pequeno discurso:

«Respeitavel publico.

«Antes de iniciar a experiencia que foi annunciada, estando 56 dias sem comer, peço a todas as pessoas presentes que se certifiquem claramente da sinceridade e honestidade do meu procedimento.

«Convido-os a subirem ao palco e a penetrarem na urna, examinando-a cuidadosamente e procurando quaesquer alimentos que possam estar escondidos. Depois da eu penetrar na urna e d'ella ser sellada, rogo que verifiquem com attenção os sellos, para que não possa subsistir no animo seja de quem fór, a menor duvida sobre a probidade da minha experiencia».

Algumas das pessoas presentes acederam ao pedido, sendo Harry Taxon e Sherlock Holmes dos primeiros a subirem ao palco, e recebendo-os Ricardo Sacco afavelmente.

Depois d'algumas palavras trocadas entre o *fakir* e os dois policias, palavras que se referiam á conversação da noite anterior, o artista penetrou na urna.

Alguns espectadores permaneciam ainda ali, observando os Sherlock Holmes desconfiadamente. Esses estadores examinavam todos os moveis, olhando bem para debaixo da *chaise longue*; o polícia pro-

vou a agua mineral, cheirei e mexei nos cigarros, saindo em seguida da urna e deixando o *fakir* só.

Foi fechada a porta, correndo o artista um pequeno fecho interior. Na presença de todos os espectadores foi a junta da porta coberta com uma larga fita de panno, sendo lacrada em seguida e ficando uma pessoa de confiança de posse do sinete, para a fiscalisação futura.

A porta foi fechada tambem por fóra, com um cadeado, ficando a chave igualmente na posse d'uma pessoa idonea.

Em seguida a um ultimo exame, retiraram-se todos do palco.

Os dois policias foram os ultimos a sair, depois de se despedirem, com um gesto amigavel, do *fakir*.

O artista escreveu rapidamente algumas palavras n'um pedaco de papel, e approximou-o do vidro.

— Pense na sua promessa e não me esqueça! — lêu Holmes.

O polícia arrancou uma folha do seu livrinho de apontamentos e escreveu: — *conferencia de 23 de Abril*.

— Não esquecer.

Depois de terem saído todos os espectadores, e de ter ficado immersa em escuridão a sala, o *fakir* viu-se só na urna de vidro.

Sentou-se á secretária e começou a escrever. Fumou muitos cigarros, uns após outros, até que a fadiga o invadiu e resolveu deitar-se sobre a *chaise longue*.

Uma unica lampada electrica aluminau frouxamente o palco.

Completo silencio rodeava o artista. Estendido sobre a *chaise longue*, de olhos abertos, recordava a conversa que tivera com Sherlock Holmes e perguntava a si mesmo se teria sido necessario incomodar o policia. Não seriam exagerados os seus receios? O facto da agua mineral se achar envenenada não podia ter sido motivado por um infeliz acaso? Fosse como fosse: não devia deixar de adoptar todas as medidas de prudencia?

Pouco depois adormecia profundamente. Em sua volta reinava o sosiego da noite.

Minutos depois, começou a passar-se algo estranho na sala.

Algumas sombras moviam-se lentamente. O *fakir* não se movia.

Quereriam os homens que tão cantelosamente se approximavam penetrar na urna?

Ouviu-se um ruido, como se se a fechadura fosse aberta. Pouco depois novo ruido, caracteristico, e percebeu-se que o fecho interior era corrido por mão mysteriosa.

A porta abriu-se, finalmente!

Com saltos de panthera, tres homens approximaram-se do *fakir* adormecido e, antes que este tivesse podido fazer um movimento, estava amarrado e amarrado de pés e mãos, apesar de ter tentado resistir. Tudo isto se passou em poucos segundos.

Quasi a desfalecer, o artista pôde ainda ouvir: «Levémol o depressa, mas com prudência!» Como se se tratasse d'um fardo do mercadorias, os intrusos arrastaram consigo o pobre *fakir*.

CAPITULO III

O mysterioso crime do Instituto Imperial

—Cocheiro, mais devagar! exclamou uma voz autoritaria, do fundo d'uma carruagem que atravessava a large troço do Hyde-Park, n'aquelle lindo dia de primavera.

—Repara, Kitty, continuou a mesma voz, que pertencias a um homem de apparencia imponente, dirigindo-a a uma senhora de cabello lombo, sentada a seu lado. Atravessamos agora junto do largo e passamos pelos jardins de Kensington e, dentro em pouco, estaremos no Instituto Imperial V4, pois, se consegues moderar a tua impaciencia Lembra-te do prazer que sentirás passando algumas horas em companhia de homens tão intelligentes e tão crebles.

«Não estás zangada pelo facto de eu te ter quasi forçado a vir comigo, minha querida. Verás que são umas horas bem passadas».

O rosto encantador da joven senhora teve uma leve expressao de contrariedade.

—Teria preferido ficar hoje na nossa querida casa, replicou, fitando os seus olhos magnificos no seu companheiro.

—E porque havias de ter hoje, justamente, essa preferencia, querida Dolly? perguntou o homem, sorrindo.

—E' que não posso dominar um estranho presentimento que, desde esta manhã, me atormenta. Parece-me que vai succeder nos alguma coisa pavorosa, exclamou a dama, estremecendo.

—Pequena Cassandra, retorquiu o companheiro, sorrindo. Esses presentimentos nada significam. K's tóla!

E a sua mão forte apoiou-se sobre a branca mãozinha d'ella, acariciando-lh'a doceamente.

Não era necessario reparar attentamente nas deas alianças de casamento que ambos traziam, ainda com o brilho de novas, para se constatar que Freddie Hope e a sua linda e joven mulher eram recém-casados.

Hope, empregado do Governo da India, nascera no pais do Ganges, e era filho de paes ingleses. Estava em continuas relações com sahios estudantes indios que frequentavam a Universidade de Londres. Na occasião em que d'elles não occupamos preparavase Freddie Hope para assistir a uma reunião de indios

que habitavam Londres, reunião que se realisava no Instituto Imperial.

A carruagem voltou para a Exhibition Road e, fazendo uma elegante curva, parou em frente da escadaria principal, coberta por uma passeadeira de veludo.

Freddie Hope ajudou a esposa a descer da carruagem, conduzindo a pela escada, profusamente illuminada e ladeada por valiosos vasos com plantas.

O espectáculo que offerecia a sala, cheia de convidados e prodigamente illuminada era brilhante.

Estavam presentes quasi todos os membros da National Indian Association, envergando a maioria d'elles os seus trajes nacionaes, recamados de pedrarias.

Alguns creados occuparam-se immediatamente dos abafos recém chegados que, poucos momentos depois, se juntavam aos restantes convidados.

As senhoras não eram muito numerosas; as pessoas que ali se achavam eram na sua maioria, homens ainda novos, quasi todos estudantes.

Os recém-chegados foram immediatamente rodeados e cumprimentados por grande numero dos presentes, que demonstravam a geral sympathia dedicada ao ajudante do secretario d'estado.

—Já lamentavamo a sua falta, suppondo que não viesse, exclamou o dr. Waslaka, um homem alto, de cabello negro e rosto intelligente, com o typo caracteristicamente indio.

Um sorriso acolhedor deixava á mostra os seus bellos dentes.

—E' muita bondade da sua parte, retorquiu Hope, apressando a mão ao filho do paiz do sol; então teria ficado penalizado se eu não comparcesse?

—Oh! ninguém sentiria tanto como eu a sua falta, meu querido amigo, exclamou o indio, dando-lhe o braço e afastando-se com elle, enquanto algumas senhoras formavam um grupo com a mulher de Hope, conversando animadamente.

Os dois homens dirigiram-se para um canto do salão, onde estava installada, semi-oculta por um grupo de bellas palmeiras, uma pequena mesa e uma cadeira.

—Onde esteve o senhor hontem? começou Hope, sentando-se confortavelmente e iniciando a conversação.

O indio sorriu.

—Não é capaz de adivinhar, replicou.

—E' então alguma coisa mysteriosa? gracejou Hope. Esteve em casa de Harun el Raschid, o grande feiticeiro da Lenda? Desceu talvez á caverna de Xabra, para arrancar de lá o maravilhoso thesouro?

—Nada d'isso! retorquiu o medico indio, sorrindo. Vejo que não consegue adivinhar e, por isso, digão-lhe eu. Foi ao *music hall* para ver o *fakir* Sacco, que vai passar quasi dois meses sem comer, mettido dentro d'uma urna de vidro.

O indio teve um gesto de surpresa.

—Nunca pensaria em tal! O senhor interessa-se por semelhantes experiencias?

—E' verdade, retorquiu o indio. Na minha patria, os *fakirs* despertaram sempre em mim um interesse especial e, ainda em creanga, eu seguia sempre com enorme curiosidade as varias experiencias d'essa gente. O que estes homens fazem aqui, na Europa estando muito tempo sem comer, é quasi o *fakirismo* indiano, e eu não me admira que esses europeus usassem o titulo de *fakirs* com que se apresentam nos varios *music-halls*.

—Quanto tempo é que esse tal Sacco pretende estar sem comer? inquiriu Freddie Hope.

—Quasi dois mezes, foi a resposta.

—Com os demónios! exclamou involuntariamente o indio. E' um portento! Não posso comprehender como um homem consegue levar a cabo uma experiencia semelhante.

O medico encolheu os hombros.

—Habituo-se progressivamente, trenos-se, enfim. —Mas como? Não sebo facil habituar-se a passar fome. Pelo menos, eu, como leigo, não comprehendo como tal possa conseguir-se.

—Elle foi se, pouco a pouco deshabitando de comer. Os nervos que se revoltam, são facilmente dominados pela nicotina, que lhe socorra o estomago. Elle fuma uma enorme quantidade de cigarros durante o tempo do jejum.

—E' interessante, exclamou o ajudante do secretario d'Estado. A proposito de cigarros: quer fumar?

O indio respondeu affirmativamente.

Olharam ambos em volta.

—Está muita quente, disse Hope, estendendo ao medico a sua cigarreira de prata e tirando elle igualmente, em seguida, um cigarro.

Acendeu o tabaco, examinando com attenção a sociedade ali reunida.

Waslaka seguiu-lhe o exemplo, expellindo baforadas de fumo azulado.

—E' um espectáculo agradável de vêr, disse o indio, a reunião de ingleses e indios, conversando e rindo amigavelmente, como bons companheiros.

—Pois eu não posso defender-me da impressão do que é tudo uma comedia, com a qual querem occultar sentimentos dos dois povos um para com o outro, replicou o indio, olhando pensativamente as nuvens brancas de fumo que se elevavam para o tecto.

—Significam as suas palavras que o senhor está preocupado com a recente agitação na India? perguntou o medico?

O outro encolheu os hombros.

—Não pôde negar que uma grande parte dos naturaes da India desejam a libertação da sua patria do dominio da Inglaterra?

—Não ha duvida. Mas não é isso natural e até, se se quizermos ser sinceros, perfeitamente justo? retorquiu o medico.

—Quanto ao primeiro facto, estou de accordo, replicou Hope. Agora quanto á justiça d'esse descer de libertação é que eu não posso concordar, accrescentou lentamente.

Fez uma pausa, durante a qual fez cahir distraidamente com o dedo minimo, a cinza do cigarro.

Ficaram ambos pensativos por algum tempo, deixando a vista errar sobre a symphonia de cores dos trajes orientaes.

Um homem ainda joven, de fato cinzento, e europeu, mas tendo a cabeça coberta por um turbante de seda azul, aproximou-se. No meio do brilho e da riqueza dos vestuarios dos que o rodeavam, elle tornava-se notado pela simplicidade e quasi pobreza do seu traje.

Parecia procurar o meio de iniciar a conversa com um dos dois homens.

Ao chegar junto d'elles, hesitou, como se receiasse incommodá-los, e, em seguida, sem que o notassem, mudou de direcção e foi collocar-se junto d'um enorme vaso de madeiras, que continha uma planta exotica e que estava por detrás de dois homens.

Ficou ali, fingindo examinar com attenção as folhas da planta.

—Acertei-me, meu caro amigo e irmão indio, continuou o indio, um direito, ou uma razão, no sentido que lhes dão os seus compatriotas, não existe, e acho pueril se, fundados n'essa falsa razão e n'esse supposto direito, querem terminar com o que tem a sua razão de existir.

«Em Inglaterra ha um lema, quasi um proverbio, que diz: não tendo a esmagar o inimigo antes de elle ser forte bastante para poder fazer nos mais de nós. «Estas palavras encerram uma grande verdade e n'ellas se contém toda a minha opinião sobre o Direito.

O indio sorriu um pouco amargamente.

A frente franzia-se-lhe ligeiramente quando, ao reprimir uma resposta aspera, replicou:

—O senhor é então partidario do darwinismo?

—Completamente, retorquiu decativamente o indio.

—Estão o senhor declara a India sem direito de vida propria, autonoma, porque... porque...

—... Porque foi a mais fraca na lucta pela vida e ficou, por consequencia, vencida. E' com todo o direito que a Grande Bretanha domina o imperio indio, porque só um direito existe, o direito do mais forte!

Apenas o ajudante do secretario de estado acabara de pronunciar estas palavras, ouvir-se uma detonação.

Por entre o fumo que se dissipava viu-se então o rosto, pallido de morte, do homem do turbante azul, que conservava ainda nas mãos tremellas a arma homicida.

Freddie Hope tinha saltado um grito de angustia e levantando os braços, cahira de brucos. Do rosto escorria-lhe um fio de sangue.

O dr. Waslaka puzera-se de pé subitamente, na

intenção de se lançar sobre o assassino, quando segundo tri-partiu, alcançando-o em pleno peito.

O medico cahiu igualmente por terra, com o coração trespassado por uma bala.

Aparentou-se então dos assistentes um pânico indescriptivel. Dirigiram-se todos em tropel para o local da desgraça. Gritavam todos e ninguém se entendia. Empurravam-se, chamavam por um medico, pediam agua, chamavam os creados.

As mulheres gritavam, apavoradas, chamando pelos maridos e cahiam sem sentidos se elles não respondiam immediatamente. Ninguém pensava, porém, em prender o assassino.

Quando, finalmente, pensaram em fazê-o, nem o mais leve vestigio da sua presença encontraram.

Aproveitára a confusão que se estabelecera para se esquivar.

Um medico que se achava casualmente presente, abriu a camisa de Freddie Hope e encostou o ouvido ao peito do inglez.

Com expressão grave, endireitou-se poucos momentos depois e exclamou:

— Está morto!
O dr. Watson estava cahido do brucos. O medico voltou e e passou a occupar-se d'elle.

Uma senhora ainda joven e elegante atravessou por entre os circumstantes e curvou-se, curiosa, sobre o rosto do morto, que estava coberto de sangue, sendo por isso difficil reconhecer-lhe as feições.

— Deve ser ainda muito novo, exclamou, com voz em que se lia profunda commoção, — pobre homem, pobre homem!

Afirmou-se melhor no rosto do morto e gritou de subito, levando uma mão ao coração:

— Deus do céu! E meu marido!

Estas palavras ditas com accento desgarrador, fizeram uma impressão profunda nos circumstantes.

O medico tentou levar d'alli a infeliz.

Com palavras de meiguice intentou afastá-la, mas ella recusou-se desesperadamente.

Gritando como louca, lançou-se sobre o corpo do marido, soluçando:

— Oh! Freddie, Freddie! Porque não fiquei eu junto de ti?

CAPITULO III

Uma aventura nocturna

Sherlock Holmes e Harry Taxon caminhavam por uma rua estreita e escura, proximo de Bakerstreet, dirigindo-se para casa.

Era uma noite escura, sem estrellas; um ligeiro nevoeiro baixára sobre Londres.

Do fundo das caves subiam ruidos de vozes bru-

taes. Nos vãos das portas estacionavam figuras dantescas, observando com alhares bestias os transeuntes.

Provido d'um segundo andar, cujas janelas se achavam illuminadas, ouviu-se grandes risadas e gritos, de homens e mulheres.

— Bonito sitio, este, exclamou Harry, desagradavelmente impressionado.

Sherlock Holmes olhou-o divertido.

— Pois sim, mas nós encurtamos muito o caminho, assim, replicou, e eu tenho interesse em chegar a casa o mais cedo possível, porque estou muito fatigado.

La a vér as horas no relógio, mas metteu-o rapidamente no bolso, assim como a lanterna electrica, saltando um ligeiro assobio de surpresa.

O que elle vira no rapido momento em que fizera pressão sobre o botão da lanterna para deslizar as horas no relógio, aconselhava-o a ser prudente.

Dois pares d'olhos tinham-no fitado, cheios de odio. Enroscados á parede estavam dois homens que se esforçavam por occultar com o corpo um objecto que parecia um sacco ou grande fardo.

Harry fizera a mesma observação do mestre; porém, ambos os policias continuaram o caminho, como se nada tivessem visto.

— Que era aquillo? segredou Harry, logo que se acharam tão distantes que não podiam ser ouvidos.

Sherlock Holmes não respondeu e puxou-o mais para deante, até á proxima esquina. Dobraram-se e a ficaram á espreita, de forma que não pudessem ser vistos.

A escuridão era tal que só muito difficilmente se apercebia alguma coisa. Conseguiram, apenas perceber que os dois homens transportavam um objecto que parecia ser muito pesado. Estavam em frente da tal casa de pessima apparencia, que tinha as janelas do segundo andar illuminadas.

Em seguida desapareceram.

Sherlock Holmes correu immediatamente, favorecido pela escuridão, ao longo das casas. Harry seguiu sem fazer o menor ruido.

Tinham puxado os chapéus para a testa e levantado as golas dos casacos, de forma que, quando o celebre policia começou a experimentar na fechadura algumas chaves falsas, ninguém diria que não se tratava de um gatinho de proissão.

Durante alguns minutos, Holmes esforçou-se, inutilmente, por abrir a porta, enquanto Harry ficava de sentinella.

— Então, consegue abrir? perguntou Harry aproximando-se.

Sherlock Holmes abanou a cabeça mal disposto.

— Á chaves abri, mas a porta não cede, retorquiu, aborrido, parece que está fechada por dentro com um fecho sólido. Desistamos por hoje.

— Para que havemos nós de cansar-nos, mestre? replicou Harry. Provavelmente eram dois racioneiros que tinham roubado algum sacco de batatas para matarem a fome.

— Que bem que tu vês! exclamou o policia, de mau humor, mettendo na algibeira as diferentes gazetas. Vamos embora; toma nota do numero da porta.

Harry obedeceu percebendo que dissera asneira.

Continuaram ambos a andar silenciosamente, até que o discipulo do policia tentou justificar-se.

— Não esteja zangado commigo, mestre; eu vi distinctamente que era um sacco que os dois homens occultavam atraz de si.

— Também eu vi, foi a laconica resposta.

— E eu suppoz então o que esse sacco poderia conter.

Sherlock Holmes não respondeu immediatamente; depois d'uma curta pausa, começou, parando e accentuando bem cada palavra:

— Que dizes tu, porém, se eu te afirmar que no momento em que a luz da minha lanterna brilhou eu percebi distinctamente que o sacco mechiu?

Harry ficou silencioso.

Tinham chegado entretanto a casa.

O genial policia abriu a porta e, auxiliado pela luz da sua lanterna electrica d'algibeira, foi subindo a escada, seguido de Harry. Ao chegar ao patamar para onde dava a porta da sua habitação, o policia ouvia os alegres latidos d'um cão.

— Quiet! Tell! Quiet! procurou Holmes socegar-o, enquanto abria a porta sem ruido.

Um esplendido cão de fila allemão veio ao seu encontro, dando ao rabo o latido com alegria.

Tell era um cão-policia allemão, experimentado e profundamente intelligente, tendo-se distinguido varias vezes em occasiões difficis.

Sherlock Holmes tinha-o trazido d'uma das vezes que estivera na Alemanha e o fiel animal tinha-o acompanhado desde então, em mais d'uma aventura perigosa.

A senhora Bonnet, a velha governante de Holmes, tinha posto a mesa com elegancia. A chaleira chiava sobre a lampada d'alcool e uma rima de sandwiches alinhava-se n'um bello prato de porcelana.

Depois d'uma curta refeição, a que mestre e discipulo tinham precedido quasi silenciosamente, cada um d'elles se dirigiu para o seu quarto.

Tell seguiu o dono, de cabeça baixa.

O seu leito era sobre o tapete, junto da cama do dono.

Era talvez meo-noite quando Sherlock Holmes foi acordado bruscamente por fortes e repetidas campanhadas. Ladrando furiosamente, o cão ergueu-se, olhando alternadamente para a porta e para o dono.

O policia levantou-se e preparou-se para abrir a porta.

No corredor encontrou Harry que, tal qual, como Holmes, vinha embrialhado n'um cobertor.

— Que ha? perguntou, assustado.

— Ainda não sei, replicou Holmes, abrindo serenamente a porta de entrada.

Na escuridão que reinava no patamar, o policia

podeu distinguir dois vultos. Reconheceu n'um d'elles apezar d'isso, o velha porteiro do predio.

— Desculpe vir incommodá-lo, senhor Holmes, exclamou o porteiro, mas está aqui uma senhora que lhe quer fallar.

— Agora, a esta hora da noite? deixou ouvir Harry.

— Quem está ahí? perguntou Holmes.

Um soluco maguado foi a unica resposta que obteve.

Apareceu então, envolta n'uma robe de chambre abotoado de travez, e com um candieiro na mão, a senhora Bonnet.

A luz do candieiro incidia sobre uma senhora, ainda joven, que estava encostada á parede, com um vestido de baile, o cabello cahido, o rosto pallido e banhado em lagrimas e os olhos de expressão triste e desesperada.

— Senhora Bonnet, leve esta senhora para o salão que eu vou immediatamente, pediu o grande policia á digna matrona, a qual obedeceu rapidamente, dirigindo-se para uma porta, que abriu, fazendo entrar a desconhecida para o pequeno e confortavel salão de Sherlock Holmes, que lhe servia ao mesmo tempo de casa de trabalho.

Chegou cuidadosamente uma cadeira á recém-chegada que, como machinalmente n'ella se deixou cabir.

Pouco depois, appareceu Sherlock Holmes, correctamente vestido e seguido de Harry Taxon.

— Supponho que não me engano, começou o policia em voz baixa e compassiva, pensando que uma grande desventura a feriu. Vem a minha casa para me contar tudo, porque tem confiança em mim, não é verdade?

Parecia um remedio da alma, ao fallar assim.

A bella mulher acenou afirmativamente e levou ambas as mãos ao rosto rompendo n'um choro convulso.

— Sabe quem eu sou, continuou Sherlock Holmes. Posso saber tambem o seu nome?

— Meu marido era o ajudante do secretario d'estado da India, Freddie Hope.

— Era? interrompeu o policia surprehendido, pois aquella nome não lhe era desconhecido.

— Mataram-o com um tiro... esta noite! gritou a infeliz, torcendo as mãos, mataram traiscoamente o meu marido, o meu Freddie! como hei-de eu suportar esta desgraça?

Sherlock Holmes puzera-se de pé subitamente, de tal forma o surprehendia esta noticia e Harry, que ficara junto da janella, tambem se aproximára; comovido.

— O assassino fugiu, continuou a desventurada; ajude-me a procurá-lo; entregue-o á minha vingança!

Ao dizer isso, a joven senhora gritava como furia.

Só a muito custo o policia conseguia socegar-a o sufficiente para que ella, se bem que interrompida a

a mudo pelos soluços e por manifestações de dees-

pero, lhe contasse rapidamente como as coisas se tinham passado.

Sherlock Holmes ouviu com interesse a narração e puxou o cinto do relógio.

— Onde succedeu essa desgraça? perguntou.

A infeliz senhora escondeu o rosto nas mãos, soluçando angustiosamente.

— Parece-me que a senhora Hope fallou Imperial Institute, esclareceu Harry.

— E' assim? perguntou o policia doceamente, curvando-se para ella.

Obteve uma resposta affirmativa.

Então, vem, Harry, disse o mestre, vamos immediatamente ao Imperial Institute. Não podemos perder tempo!

— Eu acompanho-o, exclamou subitamente a viuva de Hope, erguendo o rosto banhado em lagrimas. A minha carruagem está me esperando.

Sherlock Holmes offereceu-lhe em silencio o braço.

A manhã começava já a querer surgir no Oriente, quando o policia e os seus companheiros iam a atravessar o Hyde Park.

A joven senhora é encostada apathicamente a uma canto da carruagem, olhando desconsolada pela portinhola, enquanto Holmes e Harry pensavam n'este caso.

— Não suspeita de ninguém, minha senhora? perguntou o celebre policia, fitando a com compaixão.

A pobre senhora abanou a cabeça negativamente.

— Conhecia alguns inimigos a seu marido?

— Não existia ninguém que o conhecesse que não lhe quizesse bem, replicou com voz fraca; elle era querido e respeitado por todos os seus amigos e por todas as pessoas que o conheciam. Era um santo e eu, eu adorava-o!

Amargos soluços lhe embargaram a voz.

CAPITULO IV

0 turbante azul

A carruagem parou em frente do Instituto Imperial. O primeiro que desceu foi Tell, o cão policia, o qual, como se isso fôsse a coisa mais natural, seguiu o dono e fôra o primeiro a subir para o trem.

Sherlock Holmes ajudou a viuva de Hope a descer e levou-a, soluçando, pelo braço.

Harry seguiu os.

O policia parou durante alguns momentos, dando tempo a infeliz para recoger um pouco.

— Então, tenha coragem, minha senhora; ouça o conselho d'um homem que está disposto a auxiliá-la e que lhe será um amigo, fiel nas horas de afflicção.

— O melhor é ir para casa. Não deve permanecer aqui. Tem paes em Londres?

A pobre senhora acenou affirmativamente.

— Então vá para casa d'elles, pois só me impedirá de trabalhar á minha vontade e aumentará inutilmente o seu soffrimento, disse o policia.

— Eu não sabia o que fazia... fugi, meio louca, quando me arrancaram de junto do meu querido morto... fui a sua casa, na esperança de obter o seu auxilio, exclamou!

Sherlock Holmes ajudou a a subir para a carruagem. Fechou a portinhola e perguntou-lhe o endereço dos paes, que indicou em seguida ao cocheiro.

— Até á vista, minha senhora. Procurei-a hei, fôrâ nas suas ultimas palavras, actes de a carruagem se afastar.

«The Times» e «The Morning Post» gritavam alguns tapinhos, vendedores de jornaes, aproximando-se dos dois policias. Machinalmente, Sherlock Holmes comprou alguns jornaes, que dohou e metteu nos bolsos, sem para elles olhar.

Entrou em seguida rapidamente no Instituto Imperial; Harry seguiu-o, levando o cão preso por uma forte correa.

A policia e o sub-delegado de saude já tinham comparecido. Uma parte dos convidados ficára, rodeando os cadáveres e segredando, em pequenos grupos.

Quando penetraram na sala, Sherlock Holmes e o seu discipulo foram cumprimentados pelos officiaes da policia, que lhes apertaram a mão.

Tirando os chapéus, aproximaram-se dos cadáveres de Freddie Hope e do medico indio.

O officiaes contaram em voz baixa tudo o que se tinha passado. Pouco era.

A morte tinha sido instantanea.

Os tiros tinham sido disparados quasi á queimadura, e a arma devia ter sido uma pistola Browning, das mais modernas. Nem o mais leve vestigio havia do assassino.

Um dos cavalheiros seus tinha assistido á festa, declarou que viu, pouco antes do crime, um homem ainda novo junto ás victimas.

Esse homem ficára lhe má impressão, mas não podia affirmar que fôsse elle o assassino.

— A pessoa que fez essa observação ainda se acha aqui? perguntou Holmes, olhando em volta.

Um homem louro, sympathico, avançou alguns passos, e foi apresentado ao policia, repetindo o que tinha declarado.

— Quer ter a bondade de me descrever esse homem? pediu o policia deludidamente.

Depois d'alguma demora, tendo-se concentrado para se recordar melhor, a testemunha declarou:

— Era um homem de estatura mais que mediana, tinha a cara completamente desprovida de barba e parecia ainda muito novo. Se não erro, tinha olhos d'aros dourados.

— Não pôde recordar-se do fato d'esse homem?

Sherlock Holmes lá tomando opportunamente, enquanto Harry lutava com o cão, que procurava approximar-se dos cadáveres. Atou o finalmente a uma columna.

— Se não me enganar, o homem que eu tenho pelo assassino vestia um fato cinzento, muito simples e já bastante usado. Admirei-me, até, e communicuei á minha surpresa a varias pessoas presentes, do fado de vir algum a uma festividade como esta com um traje tão pobre.

— Quae lhe pareceu a occupação d'esse homem?

— Suppuz que fosse um estudante indio pobre.

— E porque motivo julgou que fôsse indio? perguntou Holmes, interessado.

— Porque trazia um turbante azul claro.

— Pareceu-lhe que esse rapaz conhecesse os mortos? continuou Holmes.

— Prececi-me que não; pelo menos, passou junto dos dois homens e não os cumprimentou.

— Ao passar proximo d'elles, o dr. Waslaca ergueu os olhos, mas desviou logo a vista com indifference, continuando a conversar com Freddie Hope.

O desconhecido ficou então proximo das suas victimas?

— Sim. Contemplei demoradamente as folhas das palmeiras e d'outras plantas exoticas. Eu deixei então de reparar n'elle, pois era me completamente indifferente.

— Foi testemunha ocular do crime?

— Não. Ouvi as detonações. Começaram todos a gritar e confusão que se estabeleceu immediatamente foi indescritivel. Ninguém se importou com o assassino. Eu fui o primeiro que pensei em procurar o auctor do barbaro crime. Suspeitei logo do rapaz pallido com os olhos d'ouro. Procurei-o, porém, debalde: tinha desaparecido.

Foram estes os unicos esclarecimentos que pudei obter-se sobre o homem que fôra, muito provavelmente, o assassino.

Ninguém o tinha visto entrar ou sair e nem mesmo os creados lhe tinham prestado attenção. Tinha reparado, effectivamente, n'um rapaz, vestido como o homem loiro descrevera, mas nada mais sabiam.

O celebre policia começou então a examinar com a maxima attenção o chão, as cadeiras e mezas, grupos de plantas e moveis estufados, sem obter resultado d'essas minuciosas proquras.

Empunhando a sua lanterna electrica d'algaibeira, dirigiu-se para uma pequena sala que dava para o hall. Viam-se alli lindas palmeiras, saindo de esplendidos vasos de majolica, postas em fila, como para uma parada vegetal.

Sherlock Holmes alumiou todos os cantos.

De subito, baixou-se tão precipitadamente que a lanternas cahiu por terra.

Esteve alguns momentos curvados e ergueu-se em seguida, tendo na mão o turbante azul.

— Com os demonios! exclamou o homem loiro, ao vêr o achado de Holmes, eis o turbante azul do assassino! Não ha duvida!

— Oude o encontrou o senhor.

— Estava entre uma palmeira e a parede, retorquiu o policia, examinando detidamente o turbante. Naturalmente, como, em virtude da sua cor clara, podia facilmente servir de indício o criminoso tirou-o e deitou-o fora, antes de fugir.

Fez-se um silencio, que Sherlock Holmes interrompen, assobioando ao cão.

Apareceram então a galope, com os olhos brilhantes e a lingua de fôra, o Tell, trazendo pendente um bocado de correa que o prendia.

Atraz d'elle surgiu Harry Texon.

— Fugiu o demonio da cio!

— Não faz mal, exclamou, sorrindo, o policia, ao mesmo tempo que avariava o cão.

Pegou lhe na cabeça e encostou lhe o turbante ao fôcho, para que elle fariasse.

O intelligente animal percebeu o que d'elle desejavam. Dos seus olhos castanhos partiu um olhar cheio de intelligencia, que significava:

— Pôdes confiar em mim!

Em seguida, o nobre animal inclinou o fôchio para o chão e dirigiu-se para a escada atapetada, que começou descendo.

Um grande numero de pessoas começou a seguir, sendo precedidas por Sherlock Holmes.

Sem hesitar, o cão sahiu do Instituto Imperial e encaminhou-se pela Exhibition Road, em direcção ao Hyde-Park.

Chegando alli, voltou para um estreito caminho que conduzia aos Kensington Gardens.

Parou junto da estatua do principe Alberto, farejando alli durante alguns segundos. Continuou depois através os maravilhosos jardins, mettendo-se por um caminho, humedejado pelo orvalho da madrugada.

Difficilmente seguiu o animal, de forma que, algum tempo depois, só Sherlock Holmes e Harry Texon lhe se seguiam as pizadas.

O cão voltou novamente, seguindo um velho caminho, pouco frequentado, chamado Queen's Road.

Viam-se algumas casas, especie de pequenas villas, rodeadas de pittorescos jardins. Junto d'uma d'essas casas, o animal estacou subitamente.

Começou raspando com as unhas na cancela do jardim, gagueando ao mesmo tempo fortemente, e ao vêr que não lhe a abriam, interduziu-se pelas grades.

Sherlock Holmes, ape ar de magro, não podia imitá-lo, de forma que se viu obrigado a puxar a campanha, esperando que alguém viesse abrir.

Esperou, porém, bastante tempo, e ninguém veio abrir.

O cão tinha, entretanto, atravessado o jardim e parára em frente da porta da casa, ladrando e gagueando.

O polícia resolveu-se então a saltar a grade do jardim, no que foi imitado por Harry.

Chegando á porta da casa, bateu com toda a força.

Ouvira então passos arrastados. Uma chave gemeu na fechadura e appareceu uma mulher velha.

O cão deu um salto, passou-lhe junto das pernas e desapareceu dentro da casa.

—Que demónio de bicho é este, meu Deus! gritou a velha, apavorada.

Sherlock Holmes desculpou-se amavelmente, mas a velha não o deixou continuar.

—Que quer o senhor? Quem é o senhor? Como conseguiu entrar no jardim? exclamou furiosa, olhando os dois homens com receio e mantendo com a mão direita a gola d'um robe de chambre.

Como Sherlock Holmes não podia responder d'uma vez a todas as perguntas, contentou-se em apresentar-se, bem como ao seu discípulo, desembrulhando ao mesmo tempo o turbante azul, que trazia envolto em papel.

—Conhece este turbante? perguntou, fixando a velha senhora. O proprietário d'elle deve achar-se n'esta casa.

—Conheço, replicou a velha serenamente. Esse turbante pertence ao meu hospede, o estudante Carlos Angra. Que lhe deseja?

Sherlock Holmes communicou-lhe que pertencia á policia. A mulher empallideceu.

—Que fez elle? exclamou assustada. Elle é sempre tão sógarado. Com certeza que ha engano. O melhor é falar com elle. Vanham commigo, acrescentou, precedendo os dois homens.

Encontraram o cão, encostado a uma porta estreita, latindo e batendo com as patas no fecho. Harry puxou a pelle colieira e a velha bateu á porta.

—Abra, sr. Angra! exclamou. Querem falar com o senhor.

Ninguém respondeu.

—Sr. Angra, são horas de ir para a aula. E' tarde! continuou a velha, assustada.

O silencio continuou o mesmo.

—Meu Deus! Ter-lhe-ha succedido alguma coisa?

—A senhora está que esse senhor está no quarto? perguntou Sherlock Holmes com impaciencia.

—Esta, com certeza, porque eu ouvi-o vir para casa esta noite. Elle sabbu já tarde para ir a uma reunião de estudantes indios que se realisava no Instituto Imperial, mas não se demorou muito tempo.

—A que horas voltou elle para casa?

—Seria, proximoamente, uma hora da noite.

—Ouvia a sair novamente?

—Não. Adormeci pouco depois. Não é habito d'elle, sair tão tarde.

—Tem outra chave que sirva á porta do quarto, inquiriu o grande polícia.

A dona da casa declarou que não possuia outra chave.

—Então, tenho de arrombar a porta, declarou o polícia sem mais preambulos, pondo immediatamente em execução as suas palavras. Com alguns empurrões o o auxilio d'uma chave do polícia, a porta cedeu. Penetraram todos no quarto.

O ninho estava vazio; o passaro levantára o vôo.

As gavetas estavam todas abertas e revolidas. No chão viam-se algumas caixas de papelão, também abertas, e montões de papéis.

Tudo denunciava que a pessoa que ali viviera fugira precipitadamente.

Tell ficára parado junto da cama, que não estava desfeita e que mostrava apenas uma leve depressão, como se elle tivesse estado deitado algum tempo sobre ella.

O cão farrejou durante alguns momentos, levantou o fofinho e sentou-se em seguida soçagonalmente.

Parecia querer significar: «Cumpi o meu dever; o resto é convosco!»

CAPITULO V

O segundo crime mysterioso

Foi de balde que Sherlock Holmes tentou obter da velha alguns esclarecimentos, algumas informações que podessem levá-lo a conhecer os habitos do presunto criminoso.

Estava tão assustada, tão sorprendida, a pobre mulher, que era incapaz de dizer coisa com coisa.

A todas as perguntas oppoz um teimoso silencio. Parecia dedicar ao joven estudante um carinho quasi maternal e, em virtude, provavelmente, d'este facto, julgou preferir callar-se, recendo comprometter o se fallasse demais o irreluctadamente.

Repetia sempre a mesma pergunta:

Que fez elle? de que o accusam?

Mas Sherlock Holmes também sabia callar. Por um lado, não queria incomodar e affligir mais a pobre mulher, de cuja boa fé e ignorancia do crime não duvidava; por outro lado, convinha-lhe também illudir as perguntas da velha, para não se demorar inutilmente, porque o tempo era precioso.

Limitou-se, por isso, a examinar cuidadosamente o quarto. Nada encontrou a não ser um numero d'um jornal com um titulo politico.

«O Sociologista indio», chamava-se.

Sherlock Holmes leu rapidamente, encostando-se ao parapeço da janella, o artigo de fundo.

Erão palavras apaixonadas, de revolta.

Nesse artigo pregava-se a luta contra o governo indio da India. Fallava-se em lueta sem tréguas, lueta de morte, que devia chegar ao ultimo extremo, tendo em vista sempre a libertação da patria, submettida ao jugo despótico do estrangeiro.

Pregava-se, enfim, a morte de todos os que avas-salavam a India e não eram indios!

O polícia assobiu levemente por entre os dentes. Pareceu assalta-lo um pensamento. Pensativamente, guardou o jornal, mettendo-o no bolso.

Esfregou as mãos e deu alguns estalos com os dedos. Não era provavel que a velha fosse assignante d'aquelle jornal cheio do fogo da revolta.

O genio polícia viu então que espécie de creatura era o assassino e suspectou immediatamente o motivo que o levára a commetter o crime.

Despediu-se da dona da casa. De que lhe serviria demorar-se mais? O cão perdera allá a pista.

A mulher, que alguma coisa poderia dizer, calava-se, e o polícia nada mais poderia encontrar n'aquella casa.

Chegado á rua, chamou uma carroagem que passava. Metteu o cão dentro d'elle e sentou-se ao lado de Harry Taxon.

Bakerstreet! gritou ao cocheiro.

O trem puz-se em movimento.

—Está contente com o resultado do seu trabalho, mestre? perguntou Harry, acariando machinalmente o cão.

—Com o trabalho do cão estou muito contente, retorquiu Holmes, acariando também o intelligente animal, que apoeira a cabeça sobre seu joelho, olhando o dono com meiguice.

—O caso torna-se cada vez mais complicado, exclamou o discípulo do polícia.

—Não sou da tua opinião, meu rapaz, replicou o celebre polícia, de bom humor.

«Quando chegarmos a casa hei de dizer te o que penso acerca d'este caso; deixa-me reflectir ainda um pouco.

—Vejo que este novo caso lhe prende por completo a attenção.

—Assim é, meu rapaz. Não devemos, contudo, desprezar os outros assumptos a que devemos dedicar-nos.

—O mestre refere-se, por exemplo, ao caso do fãkir Ricardo Saco? perguntou Harry.

—Adivinha. Logo á noite havemos de ir vel-o ao music hall e teremos os olhos bem abertos. No me esqueço do terror de que elle estava possuido e das repetidas recommendações que me fez para velar pela sua vida.

«Pobre homem!

Assim foram conversando, relebrando alguns casos antigos de que se tinham occupado, até que chegaram a casa.

A senhora Bonnet tinha, entretanto, tratado do bem estar do amo e do discípulo. Quando os dois polícias appareceram na casa de jantar, depois de terem procedido a rapidas abluções, encontraram sobre uma alvissima toalha de linho, um appetitoso lunch. Sentaram-se á mesa e firaram honra aos petiscos preparados pela cuidadosa governante.

D'pois de saciados, os dois homens accenderam os cachimbos.

Sh-lock Holmes tirou do bolso os jornaes que comprára. Retegou a Harry o numero do «Sociologista indio» que encontrára no quarto do assassino.

—Lê isso com attenção, meu querido Harry, disse o polícia. Lê o artigo de fundo, que te informará acerca da orientação politica do criminoso e te explicará algumas coisas.

O jornal, emquanto o celebre polícia desdobrava um dos jornaes que comprára junto do Instituto Imperial.

O silencio era completo.

Os dois leitores tinham-se instalado confortavelmente nas vastas poltronas de couro, expellido para o tecto baforadas de fumo.

Tell estava estendido em frente do fogão, sobre uma pelle de tigre, e dormia socegado.

Da fóra chovia com força, ouvindo-se bater as gotas d'agua de encontro á vidraça.

De subito, Holmes puz-se de pé, saltando uma exclamação de espanto e olhando fixamente para o jornal que estivera lendo.

—Não é possivel, não é possivel! exclamava. Isso seria de enlouquecer!

—Que succedeu, mestre? inquiriu Harry surpreendido, e cheio de curiosidade, simultaneamente.

—Succedeu uma coisa que te parecerá impossivel, replicou o polícia. Ora ouve:

E, continuando de pé, Sherlock Holmes leu o seguinte:

Mysterioso desaparecimento do conhecido fãkir Ricardo Saco

O celebre fãkir Ricardo Saco desapareceu hontem d'uma forma inexplicavel!

O artista tinha fechoado contracto com o empreza- ro do music hall Hengler e tomára logar na urna de vidro que foi fechada, por fóra e por dentro, e sellada, na presença de numerosas testemunhas. Não se encontra agora o mais leve vestigio do artista. Supõe-se que se trata d'um crime, pois não existia nem hum motivo para Ricardo Saco se ausentar.

O que é mais estranho ainda é o facto de se achar nem intactos os sellos!

Informaremos os nossos leitores de tudo que se fór passando sobre este estranho caso.

Harry ceutára a leitura d'esta noticia, profundamente surprehendido.

Lá fóra, a chuva começára a cahir com força inaudita.

Sherlock Holmes deixou cahir o jornal.

—Enygmas sobre enygmas! exclamou o polícia, sabendo da sala de jantar.

Abriu um armário prático na parede do corredor e tirou uma capa de borracha. Harry preparou-se tam-

bem para sahir, pondo na cabeça o chapéu mais velho que possuia.

— Levamos o cão conosco? perguntou Harry ao policia, que acabara de calçar umas botas altas muito finas.

— Não é preciso e seria mesmo inutil porque a chuva destroe tudo o que podia servir para o animal se orientar.

Desceram rapidamente a escada e sahiram.

* * *

O gordo director Hengler andava d'um lado para o outro, exaltadissimo.

Muito excitado, recebeu os dois policia, que se tinham feito anunciar, e começou a contar-lhes atabalhoadamente o que se passára.

Pouco mais sabia contar, alem do que os jornaes noticiavam, e confirmava plenamente essas noticias.

— Eu só pergunto como podes succeder um facto semelhante? exclamava elle continuamente, cruzando as mãos curtas e gordas sobre a proeminencia do ventre.

Ninguém ouvira ruido durante a noite? perguntou Sherlock Holmes.

— Ninguém! Absolutamente ninguém! Imagine que os creados do theatro dormem muito proximo e eu mesmo tenho a minha cama situada no pavimento superior, exactamente por cima da urna. Pois nem um som, nem o mais ligeiro ruido ouvi. A urna está fechada, e os fechos e os sellos, tudo está intacto. Andará o diabo em pessoa mettido neste caso? Eu só pergunto: como é possível uma coisa d'estas?

Limpou o suor com um lenço de seda vermelha e albrina a bocca algumas vezes para tomar ar.

— Não será melhor irmos examinar a urna do desaparecido? propoz Sherlock Holmes.

— Certamente, é claro, replicou apressadamente o gordo director, dirigindo-se para o local o mais depressa que lhe permitiam as suas curtas pernas.

Os dois policia seguiram-n'o, conversando em voz baixa.

— Este caso é unico no mundo! declarou o director, gesticulando vivamente, nunca mais assistiremos a uma coisa assim!

— É espantoso! É simplesmente espantoso!

O homem não exaggerava.

O mais celebre, o mais intelligente dos policia, ficou absolutamente perplexo ao defrontar-se com a urna de vidro.

— É' case para acreditar-se em feitiçaria, disse Sherlock Holmes, criticando se que os sellos se achavam effectivamente intactos.

— A policia já aqui esteve? perguntou.

— Sim, senhor, retorquiu, sollicito, o director; veio esta manhã, muito cedo.

Ficaram todos atentos, sem saberem o que pen-

sar e foram-se embora sem terem descoberto uma pista.

— E levantaram um auto?

— Levantaram, mas nada de interessante n'elle se contém. Alcançaram a cabça, olharam uns para os outros, e nada. Não conseguiram apurar coisa alguma. E' estranho! E' extraordinario!

Olhava fixamente para a porta da urna, como se d'alhi devesse sair a explicação do estranho caso.

— E não ouvín, effectivamente, o menor ruido durante a noite? Não disse que dormia exactamente na direcção da urna, no andar superior? Inquiria Sherlock Holmes, ficando demoradamente o homeminho, que abanço a cabeça.

— Não posso affirmar nada, replicou. Pareceu-me, ahi pela meia-noite, que ouvia fechar uma porta. Pôde, contudo, ter sido sonho.

Encolhi-n os hombros e franziu o sobreolho.

— Eu deseo falar aos creados que dormem proximo da urna. Interrogar-os hei summariamente. Quer ter a bondade de cham r essa gente? perguntou o policia, enquanto com a sua lanterna electrica examinava cuidadosamente, por todos os lados, os sellos que tinham ficado a fechar a urna.

— São apenas dois homens que estão n'essas circumstancias. Vou já chamal-os, accrescentou ao notar que Holmes fazia um gesto de impaciencia.

Pouco depois, compareceram os dois homens. Um d'elles, um rapaz sympathico, de apparencia franca e leal, ponde provar claramente que tinha assistido na noite do desaparecimento do *falcão* as boias d'uma urna e que o bale e a falcão tinham durado até manhã. Não tinha, por conseguinte, importancia como testemunha.

O outro era um homem baixo, muito novo ainda, com um resto teimoso de creança, cuja expresso dizia claramente: *adeus-nos em soco!*

— Notaste qualquer coisa durante a noite, meu rapaz? perguntou o policia, fitando-o.

— Não! replicou laconicamente.

— Notaste algum ruido proximo de ti?

— Não! repetiu o interrogado, com indifferença.

— Como é ainda muito novo, não tens provavelmente o sono muito leve continuo Sherlock Holmes.

A resposta foi novamente um não.

— Costumas ficar levantado até muito tarde?

— Não! retorquiu, mettendo as mãos nos bolsos.

— Não! imitou o policia, escarneoando furioso.

Desappareceu d'aqui, vae tel.

O rapaz obedeceu immediatamente.

— Traze duas cadeiras para estes senhores, grande parvo! gritou-lhe o director, igualmente furioso.

O creado trouxe as cadeiras e collocou-as junto dos policia, sem accrescentar uma só palavra.

Sherlock Holmes approxiou-se a urna o mais possivel da porta da urna, examinando a delidamente.

Ficou alguns minutos mergulhado em funda reflexo e começou em seguida a examinar novamente

madeira que revestia os angulos da urna e que enquadra a porta. Levantou subitamente a cabeça.

— Dê-me uma agulha comprida, disse apressadamente para o director, que o observava attentamente.

— Pois sim! Mas que especie de agulha?

— Uma agulha de fazer meia ou um prego de chapéu da sua espessa.

O gorducho não ouvira o resto. Partira a galope e voltou pouco depois, trazendo um longo prego de chapéu, com uma cabeça enorme, segundo a ultima moda.

— Ella não m'o queria dar, mas em tanto teimeei e tanto fiz que elle arranquei, explicou, orgulhoso da victoria sobre a sua cara metade.

— Uma simples agulha de fazer meia teris sido bastante, affirmou, sorrindo, Sherlock Holmes.

— Pa? quê? Encontrou alguma coisa? perguntou o director sem comprehender.

— Sim; a porta está furada, retorquiu o celebre policia.

— Mas como? Onde?

Os olhos do gordo director ainda se abriram mais.

— Vou mostrar-lhe o em seguida, declarou Sherlock Holmes, perseverando com o prego parte da porta e tentando varias vezes, achar uma abertura.

Encontrou finalmente. Pegou no prego pela cabeça e correu contra a madeira, fazendo o passar sem custo através a porta, de firma que se via penetrar perfeitamente dentro da urna. Harry Taxon e o director constatarem com surpresa o facto.

— Os criminosos fizeram um furo na porta, explicou Sherlock Holmes, e taparam o buraco, depois de terem manobrado á vontade, com cera de côr da madeira, para não deixarem vestigios.

O director olhou para o policia como se duvidasse da integridade das suas faculdades mentaes.

— Suppõe então que Ricardo Sacco sahia por este minuculo orificio? exclamou. Elle não conseguiria ser tão fino como uma folha de papel. E como conseguiriam tiral-o de fora? Com uma agulha magnetica?

O director olhava ora para o policia, ora para Harry Taxon, esperando uma explicação.

— Explique-lhe bem em seguida, retorquiu soccadamente o grande policia. Ora veja: a porta está fechada pelo lado de dentro com um simples ferrolho. Para o abrir do lado de fora, as pessoas que commetteram o crime fizeram o seguinte: Pr ticaram um orificio na porta e fireram passar por elle um arame de firma especial, tendo na ponta uma argola feita de crina. Com muita paciencia e habilidade, conseguiram que a pequena argola de crina rodasse a cabeça do ferrolho. Deram então uma volta com o arame, a crina reteizou-se e puxou, e eis o fecho aberto!

Os dois ouvintes não puderam reprimir uma exclamação de surpresa e admiração pela sagacidade do policia.

A fechadura foi aberta com chave falsa; os sellos

de lacre foram amolecidos com vapor d'agua e levantados com a lamina d'uma faca aquecida.

— Mestre, o senhor é desigualvell exclamou Harry enthusiasmado.

O director, esse então, estava tão admirado que se esqueceu de fechar a bocca.

— D'esta fórma foi possível tirar da urna o artista que, muito provavelmente, tinha sido anestesiado primeiro, para não fazer ruido que denunciasses os criminosos.

— Ah! até está tudo muito bem, *gentleman*! exclamou n'esse momento um voz; voltaram os olhos, surprehendidos. Foi assim que o *falcão* sahia da urna.

— Ah! não o nosso mui digno inspector de Scotland Yard, o sr. Mac Gordon, exclamou Sherlock Holmes, estendendo a mão ao recém chegado.

— Bom dia! E alegro-me por ver que concorda com o meu modo de ver.

Mac Gordon sorriu:

— Concorda? Eu? Isto é, as coisas podiam effectivamente ter-se assado como o senhor diz, se a porta tivesse estado aberta, mas o senhor bem vê que está fechada. A minha opinião é que a urna foi desmontada e armada novamente.

Harry Taxon olhou para Holmes muito divertido e meio enfadado. O celebre policia teve um leve sorriso.

— Bem, já vejo que tenho de lhe dar provas mais claras que demonstram á evidencia a minha affirmação. Antes de mais nada, inspector, o senhor esqueceu-se que a urna está ainda inteira como foi fabricada.

— Pois sim, mas... queria dizer o inspector chefe de Scotland Yard.

— Deixe-me fallar até ao fim, sr. Mac Gordon, interrompeu Holmes. Vê estas regras de madeira, collocadas interiormente, e aparafusadas por dentro, para segurar a urna so clica? No caso de succeder o que o senhor diz, os parafusos teriam-se deslocado ao forçarem a urna; depois era imoavel tornar a aparafusal-os, pois só pod a fazer se pelo lado de dentro.

— E não poderia tambem fechar-se pelo lado de fora o fecho interior? perguntou o inspector.

— Não, senhor! affirmou Holmes com energia.

— Gostava então de saber...

— Já vae ver. Ora ouça: acha natural e possivel ter-se fechado o fecho interior?

Mac Gordon teve um gesto affirmativo.

— Bem, E os sellos? É uma coisa bem simples. Com certeza que já ouvie fallar no gabinete negro do tempo de Napoleão, não é verdade? Pois o dever des empregados n'esse gabinete era abrir e tomar conhecimento do conteúdo das cartas que vinham para os subditos do imperador e para os povos vencidos, sem que perobassem os destinatarios. Era necessario, muitas vezes, abrir cartas selladas com lacre e tornar a fechá-las.

O grande policia mostrou então ao inspector os

bordos do laço e a madeira nas proximidades dos sellos.

— Vá o tom acastanhado e mais escuro da madeira? A gente que operou aqui não tinha a praticidade dos agentes do corpo. Por isso, ao esquecerem a base dos sellos chamuscaram levemente a madeira. Aqui, por exemplo, a pressão do sinete está mais atenuada do lado de baixo do que em cima e a massa do laço alastrou.

— E... mas que é isto? interrompeu-se o polícia.

Mac Gordon olhou para o laço que Sherlock Holmes estava examinando com uma lupa.

— Não tem importância, exclamou o inspector, depois d'um curto exame. A pessoa que carregou com o sinete no laço, fez involuntariamente pressão com o polegar sobre o laço que sobejava d'um lado.

— E' tal qual o senhor diz, concordou o genial criminalista; mas n'essa impressão do polegar, tem o senhor, ao mesmo tempo, mais uma prova a favor da minha afirmação. Ora veja, peça-lhe, através d'esta lente.

O inspector obedeceu.

— Que nota o senhor? perguntou o mestre de todos os polícias.

Mac Gordon encolheu os hombros.

— Não vejo nada de importância, repetiu novamente. Vejo apenas, na impressão digital, um traço que corta a espiral do desenho do polegar, dividindo a urna. Isto prova apenas que a pessoa que lançou o um dosinha a cicatriz no polegar da mão esquerda.

— Sim, senhor; assim parece, concordou Sherlock Holmes, voltando-se para o director Hengler e perguntando:

— Estava presente quando Ricardo Sacco entrou para a urna?

— Estava, sim, sr. Holmes.

— E lembra-se quem procedeu à apposição dos sellos?

— Fui eu mesmo!

— Bem. Então peça-lhe o obsequio de introduzir a mão no cano do fogão.

A tão insolito pedido, o director fez uma cara de espanto.

— Peça-lhe, sr. director, que acceda ao meu desejo. Hesitando ainda, um pouco comprometido, o director fez o que Holmes pedia.

— Faça favor de introduzir a mão esquerda e a mão direita.

O polícia manteve-se serio, enquanto Harry só a custo continha o riso.

Percebera o estratagemma do mestre.

Mac Gordon olhava, sem comprehender, fazendo uma verdadeira cara de parvo.

— Está bem, basta, sr. director. Não limpe a mão, faça o obsequio, senão escangalhe tudo. Aproxime-se de mim, faça favor.

Sherlock Holmes collocára-se junto d'uma meza e estendera sobre ella uma folha de papel branco.

— Faça o obsequio de pôr aqui a sua mão, carregando um pouco os dedos, especialmente o polegar. Basta, muito obrigado.

O director Hengler afastou-se, limpando cuidadosamente os dedos, negros da fuligem do fogão.

Mac Gordon comprehendêra, finalmente, a intenção do grande criminalista. Pegou na lente e examinou a impressão digital do director.

— Tinha razão, sr. Holmes, confessou o inspector. Mas falta-me saber ainda uma coisa a que o senhor não respondeu: como puderam os raptores do *fakir* sair da urna, sem deixarem o fecho interior aberto? era impossível fechalo pelo mesmo processo por que foi aberto pelo lado de fora.

Sherlock Holmes acenou affirmativamente.

— A sua opinião é justa. Repare bem no que vou fazer e ficará sabendo como procederam os mysteriosos raptores.

Sherlock Holmes cortou ao meio as fitas que eram sustentadas pelos sellos, de fórma que a porta da urna ficou livre. Em seguida abriu facilmente a fechadura com a sua garua universal. Explicou depois como ia proceder para abrir o ferrêlho interior, imitando os raptores. Pegou n'uma comprida agulha de colchoeiro e n'um crina de cavallo.

Em menos de meia hora tinha conseguido tudo e já o inspector queria penetrar na urna, quando Holmes o impediu de fazel-o.

— Espere um pouco, sr. Mac Gordon. Quero mostrar-lhe primeiro a fórma de fechar o fecho interior pelo lado de fora, ora vejam, meus senhores, exclamou, voltando-se para o director e para Harry Taxon.

Pegou na crina, emburruhou as duas pontas em volta do dedo indicador da mão direita e poz a argola assim formada em volta do botão do fecho.

Em seguida encostou a porta e começou puxando a crina lentamente. Com a mão esquerda carregava na porta, para que se mantivesse na posição devida, isto é, encostada. Ao esticar a crina, o fecho ia cedendo, até que a porta ficou fechada. Em seguida descerolou do dedo uma das pontas da crina que ficou livre e começou puxando pela outra. Apesar da porta fechar bem, conseguiu retirar facilmente a crina.

— Bravo! exclamaram os tres homens que assistiram à operação.

— E' um velho truiz! declarou o polícia negligente, abrindo novamente a porta com bastante facilidade. Ha cinquenta annos, já ladrões celebres do seculo passado usavam este estratagemma.

— Ora vejam, meus senhores, o pequenino vinco feito na madeira pela crina de que me servi, e aqui um pouco mais acima, o outro vinco feito pelos meus excellentissimos antecessores na experiencia.

Mac Gordon que seguira com profunda attenção todos os movimentos do polícia, estendeu-lhe gravemente a mão.

— O senhor é o nosso mestre indiscutivel, que

acaba sempre o verdadeiro caminho a seguir, exclamou, cheio de admiração.

Sherlock Holmes escusou-se, sorrindo:

— Vamos agora a examinar o interior da urna, propoz, e ajoelhou immediatamente para vêr se encontrava alguns vestígios dos pés dos raptores.

Desistiu porém de encontrar alguma coisa que pudesse elucidal-o.

Avançou ate ao centro da urna e olhou em volta. Nas faces lateraes nada havia de notavel.

A almofada estava collocada na *chaise longue* symmetricamente e a bateria de garrafas d'agua mineral estava diminuida de duas, já vazias. As caixas de cigarros estavam todas.

Nem livros, nem papel ou tinteiro mostravam, fôsse o que fôsse, de notavel.

De subito, porém, o polícia notou que uma das folhas de papel sahia do alinhamento das restantes.

Tirou as folhas que cobriam essa e achou uma solta, tendo escriptas algumas linhas.

A parte de trás da folha mostrava vestígios de ter estado chato ao chão.

— Os bandidos cumpriram systemáticamente o plano que tinham delineado, murmurou Sherlock Holmes.

— Dá-me licença, sr. Holmes, exclamou o director, parecem versos feitos por Ricardo Sacco.

O polícia mostrou-lhe o papel e logo Hengler acrescentou:

— Não ha duvida, é a letra d'elle. Tenho aqui o contracto d'elle, onde pôde vêr-se que a assignatura é a mesma.

O resto parece escripto em allemão, que será?

O polícia disse:

— São versos. A traducção é, pouco mais ou menos, a seguinte:

«A todos os meus amigos uma saudação calorosa de Ricardo Sacco, que pouco come e que quer ter saude para continuar a passar fome» Temos pois aqui uma folha de papel que os criminosos apanharam do chão e collocaram entre as outras. Devem por conseguinte, existir n'esse papel impressões digitais dos auctores do rapto.

Sherlock Holmes encostou a folha de papel ao seu discaulo. O resto da busca não deu resultado e o polícia voltou a fechar a urna, para impedir a entrada aos legos e indiscretos.

Em seguida ficaram a trocar impressões sobre o caso, dizendo Holmes para o director:

— Trata-se agora de seguinte: Quem é o auctor do rapto. Só pôde ser uma pessoa que tenha interesse no desaparecimento do *fakir*, isto é um d's seus connerentes. Ricardo Sacco contou-me ha d's que houvera outro artista que procurára obter contracto aqui. Por causa de Sacco, o senhor não quiz contractar o outro.

— Quem era o outro artista? Qual era a sua apparencia?

— Não falle tão depressa, não pergunte tão de-

pressa, senão não posso atingir o que deseja, exclamou o pobre director. Quer então saber quem era o connerente de Ricardo Sacco? Pois não o sei. O homem nunca se apresentou e tratou tudo por carta, pedindo que lhe enviasse a resposta para a posta restante.

— Tem essa carta? Pode mostrar m'a?

— Ora essa! Da melhor vontade, affirmou o director, tirando do bolso interior do casaco uma volumosa carteira, atulhada de papais.

Depois de longas pesquisas, achou a carta.

— Il-a! exclamou, entregando ao polícia um sobscripto de formato estreito e comprido, que Sherlock Holmes examinou demoradamente.

Era uma carta vulgar, a pedir contracto, escripta em inglez, e inglez de pessoa illustrada. Contudo, a construcção da phrase denotava que quem a escrevera fôra um estrangeiro. A assignatura era illegivel.

— Se m'o permite, ficarei com ella, disse Sherlock Holmes, entregando-a a Harry Taxon.

Em seguida, tirou do bolso um frasco contendo um liquido amarelado e fixou com elle a impressão digital do director Hengler.

Holmes e Harry despediram-se então de Mac Gordon e de Hengler, levando consigo a carta, o papel em que se achavam escriptos os versos e aquella em que estava fixada a impressão digital do gordo director.

CAPITULO VI

A casa fechada

Era quasi noite cerrada quando Sherlock Holmes e Harry Taxon, chegaram á rua.

— Onde vamos agora? perguntou Harry, fitando o mestre respectivamente.

Holmes não respondeu logo.

— Para onde? — retorquiu pouco depois. Ora relete um pouco, meu rapaz. Que deveremos nós fazer antes de mais nada?

— Esfregar-nos nos por descobrir o paradeiro de Ricardo Sacco, replicou o discipulo do polícia, e a pista do ou dos criminosos.

— Isso já nós temos, declarou Holmes, acendendo o cachimbo e dando lume a Harry para elle acender o cigarro.

O joven discipulo do polícia olhou e interrogativamente.

— Onde está essa pista, e onde nos conduz?

O mestre esteve entretido durante alguns momentos, a lançar bafuradas de fumo para o tecto. Em seguida começou:

— Harry, lembras-te d'aquella ruzinha estreita e escura por onde passámos hontem?

O jovem policia acenou, afirmando.

— Nós encontramos dois homens, continuam Holmes, que levavam um saco pesado, e que fizeram o possível para que não dessemos por elle. N'esse saco estava...

— Ricardo Sacco! gritou Harry, de subito.

— Adivinhas-te, disse, sorrindo, o policia. Tambem, não era muito difficil. Lembra-te de os portadores do sacco mysterioso terem desaparecido n'uma casa de apparencia duvidosa, cuja porta em vão tentamos abrir? Pois é a essa casa que devemos dirigir-nos.

Harry comprehendeu.

— Deves permittir que Ricardo Sacco ainda esteja vivo? exclamou em voz baixa.

— Temos que andar depressa, acrescentou Holmes. E' extraordinario a que ponto pôde chegar a emulação e a inveja d'um official do mesmo officio.

Na casa mais mal afamada da pequena rua a que o povo chamava «Murderer Road», estavam sentados dois homens n'um pequeno quarto, cuja unica janella dava para o immundo pateo que, mesmo de dia, era escuro.

Um d'esses homens era alto, musculoso, vestido com negligencia e tendo o cabelo comprido e mal tratado. Vestia umas calças de coiro, prezas á cintura com uma correia, e uma camisa de côr indefinivel. Era todo o seu vestuario. Uma enorme cicatriz vermelha subia-lhe o rosto, de expressão feroz e hostil, dividindo-o em duas partes eguaes. Desde a hora escureceu em que essa hostil cicatriz o marcara para sempre, ficara a alchuna do «Duas caras».

Parecia, realmente, que o homem tinha dois rostos. Estava sentado n'um velho banco, fumando um curto cachimbo. Proximo da janella estava tambem sentado um homem novo, magro e pallido, de rosto inherbe com expressão atormentada. Tinha a cabeça encostada á mão direita, que se apoiava ao parapeito da janella. O facto cinzento que vestia estava muito amarelado, ao bem que estivesse limpo.

A roupa branca estava-lhe suja que parecia que o seu possuidor não a mudava havia bastantes dias. Sobre a mesa vis-se um velho candeiro de petróleo, que dava uma luz fraca e amarelada. Ao lado havia restos d'uma frugal refeição, uma garrafa de whisky, jornaes e uma porção de gazetas que o «Duas caras» estava lendo. Estava entretido n'essa occupação e só de quando em quando erguia um pouco a cabeça, lançando um olhar para o joven que continuava encostado á janella.

— Continuas a matutar? vociferou finalmente, sem

tirar o cachimbo da bocca. Ao ver que não obtinha resposta, continuou com desprezo:

— Medroso! Cobarde!

O rapaz fitou-o com um olhar brilhante.

— Sim, que estás tu a olhar para mim? continuou o «Duas caras». Estas com modo de ser apanhado? Esta desançada que podes ficar aqui toda a vida sem que dêem por ti.

Um profundo suspiro foi a unica resposta que obteve.

— Não sejas assim, exclamou o bandido irritado; que se passou de grave, afinal de conta? Nada! Atlas té do teu caminho um concorrente. Estavas no teu direito. Que es então contrar de fome se o outro te tirar todos os bens contractos que apparecerem?

A cortina de pano vermelho moveu-se levemente. O bandido deu por isso.

— De onde vem esta corrente d'ar? perguntou de subito.

— As janellas estão abertas, replicou o outro.

— Aqui ha qualquer coisa! Cantela! exclamou o «Duas Caras» aproximando-se da janella e levantando a cortina.

Debrucou-se na janella. Ouvin-se um ligeiro ruido, seguido de um baque, como se alguém que tinha trepado pela parede tivesse saltado para a rua.

«O Duas Caras» conteve uma praga. Com um olhar de odio, voltou-se sendo interrogado pelo companheiro:

— Que ha?

— Temos que fugir! Toca a fugir, segredou, o mais depressa possivel. Pela passagem secreta.

Arrastou consigo o outro Correram por uma passagem secreta, até que o «Duas Caras» abriu uma porta occulta por uma tapeçaria e empurrou o companheiro, fazendo-o descer alguns degraus.

Seguiram por um corredor subterraneo, muito estreito e quasi interminavel.

As pessoas que tinham perturbado o socego do bandido, provocando a sua fuga, eram Sherlock Holmes e Harry Taxon. Tinha-se aproximado da casa, atravessando os pateos d'outras casas situadas nas trezeiras, pois não tinham conseguido abrir a porta da rua, que estava trancada interiormente.

Atrahidos pela luz da janella, tinham trepado ao parapeito, sendo assim testemunha da conversa dos dois homens. Só quando o bandido chegára á janella é que se tinham afastado, saltando para o chão e penetrando na casa.

Momentos depois achavam-se ambos no quarto onde tinham estado os dois bandidos.

— Chegámos tarde! murmurou o grande policia,

CAPITULO VIII

Os filhos de Siva

aborrecido. E' extranho! Não os vemos e, contudo, elles deveriam vir pelo caminho que percorremos.

— Talvez estejam escondidos aqui no quarto, observou Harry.

Sherlock Holmes fez um gesto de duvida, mas começou, contudo, a proceder a uma busca minuciosa.

— Deve existir uma sahida secreta, exclamou, por onde conseguiriam escapar-se. E isto prova-se pelo facto de terem a porta da rua sempre fechada, para evitar a entrada de pessoas estranhas.

Sabiu para o corredor, seguido de Harry.

— Mestre, segredou Harry Taxon, não será me

lhor prunarmos primeiro na cave?

— Ricardo Sacco deve encontra-se alli e talvez...

Schulz fez Sherlock Holmes, arrastando o discipulo para o canto.

Ouviram-se passos, vindos do corredor.

Ao mesmo tempo soaram risos e vozes de homens e mulheres. Passou um grupo junto dos dois policiaes, sem os ver, e dirigiu-se para um quarto, no fundo do corredor, onde desapareceram todos.

Holmes e Harry conseguiram chegar á cave sem serem vistos. Os degraus eram escorregadios e o ar era pessimo.

A pequena lanterna electrica de Sherlock Holmes illuminou as paredes.

Ao longe, na torre d'uma igreja, déram as doze badaladas da meia-noite.

Por uma pequena janella que tinha um vidro partido entrava uma corrente d'ar frio. A um canto havia um pequeno compartimento.

Holmes aproximou a lanterna e sorriu.

— Elle esteve aqui, exclamou. Ainda está quente o niabol!

O corredor bifurcava-se n'aquelle ponto.

D'um lado conduzia a esada, fazendo um arco. Havía, ao longo d'esse corredor, mais divizes praticadas na parede, como pequenas cellas, semelhante áquella que Holmes examinara mais detidamente e no qual, pouco tempo antes, devia ter-se encontrado o fúbir.

Todas essas minuscultas cellas estavam vazias. O corredor, no ramo que conduzia ao lado opposto, terminava subitamente.

Atravessava-a uma pequena mas profunda corrente d'agua que, sabindo d'uma grande concha excavada na parede, desaparecia do lado contrario, n'outra semellante.

Sherlock Holmes olhou durante muito tempo silenciosamente a forte corrente, sem poder descobrir o segredo que ella occultava.

O ajudante do secretario d'estado, Freddie Hope, fora enterrado. Uma grande multidão acompanhava-o á ultima morada e, por entre as lagrimas amargas da inconsolavel viuva, o caixão quiz inteiramente coberto de corações, baixára á sepultura.

O pastor protestante tinha pronunciado breves mas sentidas palavras e, commentando a tragica morte d'esse homem tão estimado, os que o tinham acompanhado ao cemiterio retrahiram-se em grupos.

Foços depois realizou-se o funeral do medico indio. Não era tão numeroso o acompanhamento nem tão numerosas as demonstrações de estima e de lucto, porque o celibatario vivia muito afastado de todo o convivio.

O funeral effectuava-se em Brookrwd, a meia-hora de Londres. A maior parte dos assistentes eram homens magros, de rosto muito trigueiro, vestidos á europeia.

Como signal exterior de lucto, todos esses homens traziam turbantes brancos.

Entre elles só um homem se encontrava que não pertencia á raça india, apesar de usar, como os restantes, o turbante branco. Esse homem era Sherlock Holmes.

Que fazia elle alli? Procurava o assassino? Era o instincto que alli o levava?

Esperaria encontrar vestigios que o levassem á descoberta do criminoso?

O celebre policia permanecia de pé, entre os indios na proximidade do pequeno templo indio, olhando para a entrada do cemiterio, por cuja porta iam penetrando ainda alguns amigos e conhecidos do morto que vinham prestar-lhe as ultimas honras.

A urna d'um feito especial e feito de papier maché, tinha sido deposita no templo. Pannos lilás, a côr de lucto na India, envolviam n'a.

Mulheres de cabellos negros, vestidas de lilás, murmuravam preces e cobriam a urna com corôas de flores naturaes.

Ninguém chorava, ninguém se lamentava, porque a morte, segundo a crença hindú, é apenas a passagem a uma esphera espiritualmente superior.

Todos os presentes desfilaram gravemente perante a urna.

A cerimonia fúnebre não durou muito.

Sherlock Holmes olhava fixamente um ponto no ar, reflectido. Se julgára vir encontrar alli o assassino, enganára-se. Tambem não era natural que o auctor do crime praticasse a imprudencia de apparecer n'um local onde corria o risco de ser reconhecido por alguém. Era natural que fosse conhecido d'algun dos indios presentes, pois se era estudante da Universida-

de Londres, uma grande parte dos assistentes do funeral eram também estudantes d'essa Universidade.

O celebre policia examinava todos com attenção e reparou no ar de sincera tristeza que todos possuíam. Todos, não!

Um pequeno grupo de homens novos formára-se a parte, e esses discutiam com bastante calor, tendo rostos sinistros.

Sem se tornar notado, o policia aproximou-se e, ao perceber que fallavam em voz baixa, esforçou-se por não perder uma só palavra do que diziam.

—... não poderia ter-se evitado? Foi um lamentável destino e elle, mesmo que qualquer outro, o merecia, terminou um d'elles a conversa que parecia ter sido longa.

O que estava ao lado do que fallara encolheu os hombros.

—Foi elle o culpado da sua morte, replicou, Quem lhe mandou arriscar a vida para socorrer o malito inglês?

«Quem lhe deu o direito de se intrometer na nossa obra? Não o conseguí e admiro-me de elle ter osado atravessar-se nos no caminho. Foi uma ousadia que lhe sabia cara.

Surprehendido, o policia escutára estas palavras. A que se referiam ellas? Ao crime do instituto Imperial, era fora de duvida! Sustendo a respiração, Holmes continuou a escutar. Um terceiro indio tomou parte na conversa.

—E Carlos Angra? perguntou em voz baixa.

Sherlock Holmes estremeceu. Ao ouvir aquelle nome, estava quasi a saltar uma exclamação de surpresa e alegria, mas estava habituado a saber domi-nar-se, mesmo nas situações mais criticas e angustiosas, de forma que o seu rosto impenetravel não trahia a profunda ansiedade e o titissimo interesse com que esperava a resposta que ia ouvir.

—Nunca mais se ouviu fallar d'elle depois do caso.

O rosto do policia mostrou um certo desapa-tamento. Houve um silencio. Depois o que primeiro fallara, disse:

—Elle não era homem para desempenhar cor-rectamente uma incumbencia d'aquella natureza.

Calaram-se todos.

—Não, elle não era homem p'ra isso, exclamou uma voz, que interrompeu os indios nas suas reflexões.

Em face dos surprehendidos indios estava Sher-lock Holmes, inclinado-se, com os braços cruzados no peito, á maneira oriental.

—Perdêdo, se me intrometto na vossa conversa que fui testemunha involuntaria. Sou se bem que ac-cidentalmente, um adepto fiel, e não posso deixar de exteriorisar a minha opinião sobre o caso que provo-co a nossa vinda aqui e de que eu me occupo com in-teresse, lamentando em virtude da perda do nosso compatriota.

O grande policia proferia calculadamente estas

palavras. Convencia-o-se de que era indio, para os tor-nar mais confiantes e mais communicativos.

Como supuz v'ra n'elles membros d'uma conspira-ção anarchista secreta, fez-lhes comprehender que era da sua opinião e fingiu-se informado e conhecedor.

O successo não se fez esperar.

—Como conhece o senhor a existencia dos «filhos de Siva»? perguntou um dos conspiradores, emquan-to os outros olhavam desconfiantemente o policia.

Sherlock Holmes estava radiante. Descobria ins-peradamente, o nome da sociedade contaria á Inglaterra e da qual era membro o assassino desaparecido!

«Os Filhos de Siva»; assim se denominava, seg-un-do os deus de Siva, dos indios.

Nenhuma duvida subsistia, agora!

Tinham sido motivos politicos os que haviam pro-vocado a morte de Freddie Hope, e o medico indio cahira por ter tentado defender o amigo.

Era, pois, conhecido o mobil do crime.

Fallava, apenas, descobrir o paradeiro do crimi-noso e de entregar-o á justiça vingadora.

Com incredulidade astucia, Holmes conseguia des-truir a desconfiança dos conspiradores indios e quan-do, juntamente com elles sabiu da «idade dos mortos» levava no bolso o endereço da sede da conspiração, alem d'um convite para a proxima reunião do grupo dos «Filhos de Siva».

.....

.....

.....

Na tarde do dia em que devia effectuar-se a reu-nião, Sherlock Holmes seguia pela White-chapel Road. Cinhineta apressadamente, dirigindo-se para uma villa situada n'uma velha e solitaria rua, muito occul-ta, e que servia de covil aos «Filhos de Siva».

Depois da curtas palavras trocadas com o porteiro, penetrou n'uma sala espaçosa e bem illuminada.

O homem que tinha encontrado no cemiterio, vieram cumprimentar o afecionadamente e apresenta-ram-n'o a alguns outros. Fallavam em voz baixa, di-zendo só as palavras essenciaes, porque tinham ja co-megado a conferencia do redactor do «Socialist Index».

O policia sentou-se. Olhou em volta e, depois de examinar todos os presentes minuciosamente voltou a sua attenção para o conferente.

Era um homem de figura masculina e imponente. Lia-se-lhe nos olhos um fanatismo ardente.

O cabello negro, abundante, e a barba comprida e bem tratada, da mesma cor, faziam realçar a cor pallida do seu rosto de expressão intelligente.

As suas mãos finas e nervosas, nunca estavam em socego. Ora pegavam no copo d'agua, ora mechiavam nos livros que estavam sobre a mesa; ora acompa-nhavam o discurso com movimentos e gestos elo-quentes.

O orador fallou por muito tempo, sem parar;

como um ribeiro de montanha, forte e andaz, que ne-nhum dique sustem, assim cahiam dos seus labios as palavras que discutavam literalmente os ouvidos.

Fallava d'uma forma arrebatadora convincente, que arrancava vibrantes applausos á assembleia. O thema da conferencia era o seguinte:

«A submissão da India á Inglaterra».

O orador prégava, em palavras fulgurantes, a re-volta contra a tyrannica soberania; a luta pela liber-tação da patria, chegando-se, se tanto fosse preciso á morte.

Servindo-se da historia da Europa, o orador deu uma estatística dos assassinatos politicos e mostrou que todos tinham sido glorificados pelos poetas.

Arrebatou completamente o auditorio que, absolu-tamente fascinado, lhe fez uma evação estrondosa.

—Abaixo o dominio inglês! Abaixo a soberania inglesa! exclamou o jornalista, levantando o braço. Morte e destruição aos oppressores da nossa infeliz patria!

Como uma avalanche que, desprendendo-se das alturas dos Alpes, se precipita para o valle com um ruido de trovão, assim echoaram na sala estas pala-vras.

Os applausos que as corosaram foram, entusiasticos e interminaveis.

Todos os presentes rodearam o conferente, no in-tuito de lhe apertarem a mão e alguns mais entusias-mados levantaram-n'o nos hombros e levaram-n'o em triumpho. Os conhecidos de Sherlock Holmes diri-giram-se-lhe:

—Então agradou-lhe?

O celebre policia não ponde negar que o festejado era um bom orador, muito bom mesmo, e que pagu-va d'alma e coração pela causa da associção secreta Manifesto n'este sentido, a sua opinião o robusteceu assim a confiança que n'elle depositavam os dois in-dios que, depois de encerrada a sessão, seguiam em companhia de Holmes.

—E' um fanatico! exclamou um dos dois indivi-duos, um estudante dos ultimos annos da Universi-dade.

—Sim, um fanatico como o nosso desaparecido irmão e companheiro Carlos Angra, que teve sempre propenso para as aventuras mais arriscadas e como tantos outros, acrescentou o segundo indio.

—Com a differença, disse novamente o primeiro, que o fanatismo do nosso chefe é verdadeiro e espon-taneo, enquanto que Angra precisava sempre de pro-vocar artificialmente esse estado.

—Como entende isso? perguntou Sherlock Holmes com profundo interesse.

—Carlos Angra era um fumador d'opio apaixon-a-do, explicou o estudante, e elle que era um dos mais talentosos e estudiosos, arruinou-se completamente, physica e moralmente, em virtude d'esse vicio. Nou-tras circumstancias, nunca elle seria capaz de commet-ter um assassinio. Só o seu systema nervoso, comple-

tamente desequilibrado o levaria a tanto. Quem sabe onde elle estará e de que viverá? Elle não tem meios.

—E em que locaes elle dava pasto ao seu vicio, tornou o mais novo dos estudantes. Angra frequen-tava as casas d'opio mais repellentes.

«Havia uma casa n'um bairro de leste, que per-tencia a um indio. Quantas vezes o fomos ali buscar! Pois voltava novamente a embrenhar-se no vicio.

—Elle ainda continha a frequentar essa casa? per-guntou Sherlock Holmes.

Os indios responderam negativamente.

—Proucramo-lo, mas o proprietario da espelunca disse-nos que ha bastante tempo que elle não appa-recia.

E' alguma casa d'opio, conhecida? Como se cha-ma o proprietario? inquiriu Holmes com profundo in-teresse.

—E' um homem véago, chamado Talmi, retorquiu o mais velho dos estudantes, com indifferença.

Sem ser notado, Sherlock Holmes tomou sponta-neamente nos punhos, sentindo-se satisfeito pelo camin-ho que as coisas ia tomando.

O dois estudantes passaram a fallar d'outro as-umpo, referindo-se á politica inglesa, aos casos do dia em Londres, á ultima greve, etc., despendido-se, por fim muito amavelmente do seu novo conhecido.

CAPITULO VIII

No laboratorio

—Mostré, eis aqui o jornal que nós encontramos na habitação do estudante indio. Não será melhor examinarmos tambem as impressões digitares n'elle?

—Espere um pouco, Harry. Queo fazer primeira-mente a experiencia com os veros escriptos por Ri-cardo Saco.

Sherlock Holmes e, quem o seu fiel discipulo, estava envolto n'uma longa blusa branca, como usam os medicos, enfermeiros, chimicos, etc., p'gon n'uma pequena cuneta de vidro e deitou-lhe dentro alguns decilitros d'agua. Em seguida extrahiu d'agua garrafa de tinta uma porção de liquido que juntou á agua. Pegou então n'um pincel e, depois de o molhar no liqui-do que compozera, humedeceu com elle o papel que tinha previamente estendido sobre uma chapa de vi-dro. Em seguida exclamou, voltando-se para o disci-pulo.

—Abaixa um pouco a chamma sobre a reterita. Já te disse que, como as impressões tem já alguns dias, é natural que os vapores do iodo não as façam appa-recer.

—Pois eu tenho esperanza porque as tratei com uma solução moderna, a dez por cento, e juntei-lhe algumas gotas d'alcool, de forma que, como vê e

Harry poz à luz a carta que o *fakir* escrevera ao director Hengler, notou-se perfeitamente a alguns pontos do papel impressos dos dedos indicador e medio da mão direita e polegar da mão esquerda.

«Ora veja, e o jovem discípulo do policia mostrou-lhe uma impressão digital onde havia uma nodosa em fôrto de meia lua, eis aqui a mesma impressão do polegar esquerdo que tem a cistaria que já tínhamos notado no laço dos sellos da porta da urna.

Sherlock Holmes fez um gesto de assentimento. — Isso prova, pois, que o outro *fakir* e o raptor do nosso amigo Ricardo Sacco são uma e a mesma pessoa. Mas continuemos.

Fez correr a água da torneira sobre o papel que tinha passado primeiro com o pincel e examinou com atenção as manchas escuras que se destacavam perfeitamente. Em seguida pôrto, satisfeito.

— Este processo sempre ha de ser sempre o melhor. Se bem que estas impressões não fiquem tão nítidas como as que tu olvidaste, esta mancha escura que se diferencia perfeitamente do fundo azulado dá-me a prova absolutamente segura de que os meus calculos não eram errados. Estes resultados da nossa investigação scientifica veem comprovar as nossas conclusões resultantes do exame à casa. Sabemos, pois, com certeza que:

1.º Os raptos do *fakir* Ricardo Sacco são o estudante indio, o velho bandito, o camarada d'elle e um desconhecido;

2.º Que o motivo do rapto era fazer desaparecer um concorrente;

3.º Que o assassinato do medico e do funcionario do Estado da India foi motivado pela politica indio;

4.º Que a grande sociedade secreta dos revolucionarios está, como tal, aliada a estes casos.

«Reflectindo um pouco e pensando no mysterioso desaparecimento dos dois criminosos, temos que supor que existe um esconderijo onde se esculpa um certo numero de pessoas que, não estando absolutamente ligadas à sociedade dos «Filhos de Siva», tem n'ella, contudo, um alto grau, que é mantido secreto. Essas pessoas, tendo o presentimento que não me engano, devem ser velhos sectarios indios que toem por lema o assassinato como meio de attingir fins politicos-religiosos, e que, com esses assassinatos, immolam victimas aos seus velhos deuses.

«Se assim é, a vida de Ricardo Sacco corre grande perigo.

«Vamos vestir-nos e lavar nos para continuarmos as nossas investigações.

Os dois policas puzeram tanto em ordem no laboratorio, lavaram-se, mudaram de fôrto e, pouco depois, sahiam da casa da Bakerstreet.

— E' estranho: apesar de todos os nossos esforços, nada temos conseguido para salvar Ricardo Sacco, exclamou Holmes. Fiz vigiar pela policia a casa onde encontramos o *fakir* e o resultado foi um assalto a uma casa de jogo clandestina, prisão d'alguns batotei-

ros e vadios que conseguiram todos provar onde se achavam no dia em que foi committido o attentado contra Ricardo Sacco.

«Porém, dos dois bandidos que nós tínhamos espreitado, não houve meio de achar nem o mais simples vestigio. E' pena, porque estiveram quasi na réde. Elles não nos escapam, mestre, observou Harry Taxon com confiança; passaram poucos dias ainda, depois do rapto.

— E' preciso bater o ferro enquanto está quente, retorquiu o grande policia; deviamos ter feito immediatamente *p-squias*, para vér se encontravamos alguma passagem secreta. E' o que temos que fazer agora.

— Está mais contente com a fôrma como toem decorrido as investigações no caso Freddie Hope? inquiriu Harry.

— Sim, replicou o policia. O crime foi committido durante a embriaguez.

— De opio, não?

— Sim. Foi sob os effeitos do opio. Tu vaes ter occasião de visitar uma d'essas cavernas do vicio, porque vamos vér esse tal sr. Talmi. Talvez elle me possa dar algumas informações acerca do assassinio de Freddie Hope.

Harry gostaria de ouvir ainda mais informações, mas o mestre nada mais disse.

Subiram para um *travassy*, que os conduziu rapidamente ao seu destino.

Pouco depois atravessavam as ruas do bairro leste dos armenios, tendo na cabeça o característico feiz-vermelho, com borla azul. Levavam um tableiro cheio de bugigangas.

Encontram-se muitos d'estes homens em todo o mundo, vendendo tapetes de côres berrantes, cachimbos e punheas bellamente cinzelados.

No bairro mais pobre de Londres, porém, poucos negocios poderiam fazer e ninguém lhes prestava attenção.

Depois d'uma longa caminhada penetraram na East Road. Detiveram-se em frente d'uma casa baixa e de pobre apparencia. Das janellas pendiam bandeiras rítmicas e sujas.

Por cima da porta havia uma pequena tableta com caracteres chinezes e sob estes as palavras:

«AO NIRVANA»

Grandes leques chinezes ornamentavam a entrada. Sem hesitar, os dois armenios penetraram na esplanada. Um corredor estreito conduzia a uma sala d'onde vinha um ruido de vozes masculinas, pronunciando phrases soltas e entrecortadas, como de pessoas que estivessem sonhando.

De vez em quando ouvia-se um gemido ou um grito agudo logo reprimido.

As portas interiores das janellas estavam fecha-

das, deixando a sala immonsa n'uma semi-obscuridade, que tornava difficil reconhecer os objectos.

Um velho indio veiu ao encontro dos dois armenios, envergando uma cabia de cor indovelante. Olhou os dois recém-venidos, interrogando-os mudamente.

— Não compra cachimbos? perguntou o mais velho dos dois armenios, mostrando-lhe alguns bellos exemplares.

O homem não respondeu immediatamente. Só algumas momentos depois perguntou:

— Não é caro, apressou-se a dizer o vendedor. E' muito barato; dois shillings cada um.

O indio pareceu reflectir; entretanto o outro armenio passara para detrás d'elle rapidamente e, antes que o velho pudesse dar conta do que ia acontecer, saltou lhe em cima, amarrando-o e amordaçando-o, ajudado pelo companheiro.

— B-m, Harry, aviamo-nos, segredou o armenio, que, com os tapetes e varios outros objectos que trazia, occultára o ataque feito ao indio. ha aqui um quarto, do lado esquerdo, pertencente ao indio; vamos mettel o lá.

— *Allright*, mestre! murmurou o armenio para o seu companheiro, agarrando as cordas que amarravam os pés do indio.

Sem acordar da sua lethargia os freguezes da casa de opio, os dois policas transportaram o indio para o tal quarto. Em seguida prepararam-se para lhe tirarem a cabia.

O homem fez varios movimentos com as pernas e braços, como se quizesse dizer qualquer coisa. Por fim, com uma mão que ficou livre, fez o gesto de escrever. Sherlock Holmes desprendeu-lhe o braço direito e deu-lhe uma folha de papel e um lapis. O indio escreveu em inglez, n'uma orthographia horrorosa:

«Perdido! Perdido! Não matei quem se souz infeliz! Eu confesso tudo!

Surprehendido, o celebre policia entregou o papel ao seu discipulo. Os dois homens ficaram-se. Obtinham mais do que tinham esperado! Iriam conhecer, finalmente, a verdadeira pista a seguir?

O indio, suppondo que tivesse sido atirricado o que elle julgava ser um segredo, pudia graga! Que confissão iria elle fazer? Pertenceria elle à sociedade secreta «Filhos de Siva»? Poderia elle informar do paradeiro de Ricardo Sacco?

Sem fazer ruido, o policia approximou-se da porta e fechou-a por dentro. Em seguida e depois de Harry ter corrido as cortinas da janella, Sherlock Holmes voltou-se para o proprietario da casa de opio, dizendo-lhe, simulando que tinha tenção de o matar:

— Só te pouparei a vida sob as seguintes condições. Dizes nos tudo que sabes, primeiro sobre os «Filhos de Siva» e depois sobre Carlos Angra...

O indio estremeceu ao ouvir este nome, prova de que não lhe era estranho.

— Em terceiro lugar, continuou o policia, dir-nos-

has o que sabes acerca do mysterioso desaparecimento do *fakir* allemão.

Tirou do bolso um revolver que apontou ao peito do seu prisioneiro.

— Pagarei com a vida a primeira tentativa de fuga que fizeres, avisou o genial policia, tirando-lhe a mordaga, o que provocou no indio um suspiro do alivio.

— Não sei como hei de começar, exclamou, depois d'uma curta pausa, olhando em volta, como se se procurasse um auxilio.

— En perguntarei e tu responderás, resolveu Sherlock Holmes.

— Pois sim, replicou o prisioneiro com voz fatigada, e olhando como hypnotizado para o cano do revolver.

Depois de curta reflexão, o policia começou:

— Pertences à sociedade dos «Filhos de Siva»?

A resposta foi um sim que mal se ouviu.

— Quem é Carlos Angra? foi a segunda pergunta,

à qual o indio respondeu immediatamente:

— E' um dos mais fanaticos adeptos da doutrina hindu. Fôra d'isso, não é mais que um pobre estudante que, em tempos de maior miséria, para conseguir viver, até se apresentava em publico como *fakir*...

Sherlock Holmes teve um sorriso muito especial.

— Onde se encontra o seu concorrente, Ricardo Sacco? continuou Holmes.

D'este vez o indio demorou a resposta e só quando o policia approximou mais o cano do revolver se resolveu a falar:

— Está entre os «Filhos de Siva». Foi Carlos Angra que n'ello trouxe.

— Então vive ainda? perguntaram Holmes e Harry Taxon simultaneamente.

O indio acenou affirmativamente.

— Ainda está vivo. Pouco durará, porém, e será sacrificado.

— Sacrificado? exclamou Sherlock Holmes assustado, deixando cahir o braço que empunhava a arma; sacrificado a quem?

— A' sacerdotisa deusa Bhawani, pronunciou solemnemente o indio.

— Homem, está doido? gritou o policia, fôra-de si, pois suspeito repentinamente que a sociedade secreta não tinha só fins politicos, antes segua usos que tocavam as raizas da loucura religiosa e Ricardo Sacco ia ser victima d'esses loucos angularios!

Tomando subitamente uma resolução, dirigiu-se para a porta, exclamando imperiosamente:

— Levam-me immediatamente para junto do homem que o tu bandito tem prisioneiro.

— Não sei onde elle está, foi a resposta.

— Não mintas, bandido! gritou Holmes, avançando ameaçadoramente para o indio.

— Tenha compaixão d'um desgraçado, implorou este, erguendo as mãos; dá-me tempo, que eu ajudo-o-hei! Eu sei o lugar em que elle pôde estar escon-

dido, mas tenho primeiro de o encontrar, e que não é fácil nos corredores subterrâneos.

—Corredores subterrâneos? interrompeu o polícia. Onde existem essas passagens? Ha aqui alguma saída secreta?

O indio respondeu affirmativamente e logo o polícia o agarrou pelo pescoço.

—Então mostra-nos immediatamente o caminho! O indio tentou libertar-se em vão das mãos robustas do polícia.

—Não pôde ser tão depressa, lagrimejou, podem velos e reconhecê-los como estranhos e todos nós seremos mortos!

Sherlock Holmes mostrou-lhe o seu revolver e o de Harry.

—Nós sabemos defender nos, disse com orgulho.

—Os meus irmãos também teem armas, replicou o indio; teem punhalas afiadas, e se nós somos tres, elles são dez vezes tres!

Esta razão convenceu Sherlock Holmes. Contra uma tal superioridade numerica nada poderiam fazer.

—Que havemos nós então de fazer? exclamou o polícia hesitante.

—Devem disfarçar-se, fingindo ser indios e devem tingir a pelle, simulando a cor bronzeada da nossa raça. Não posso pronunciar uma unica palavra e eu serei o verso guia. Maldito seja o dia em que eu tenho de trahir os meus irmãos!

Lágrimas abundantes corriam pelas faces pallidas do indio.

Harry estava encostado á janella, assistindo em silencio e pensativamente áquella scena.

Sherlock Holmes exclamou:

—Mas, entretanto, o infeliz será victima dos vosso infames preconceitos religiosos!

—Não ha perigo por enquanto, senhor, explicou o indio; só logo, á noite, é que elle será sacrificado á deusa. Ainda é tempo, ainda pôde libertar-se, se fór prudente e acceitar o conselho que lhe dei.

—Então dá-nos vestuario, resolveu o grande criminalista, depois de curta hesitação.

Estavam pois no mesmo ponto em que se encontravam quando, depois de ter amarrado e amordaçado o indio, se preparavam para lhe tirar a calça.

Mas que differença enorme entre o que agora sabiam e o que pouco antes ignoravam ainda!

Se o seu prisioneiro não planeava qualquer traição, não estava longe o momento em que Ricardo Sacco fôsse salvo.

E se já fôsse tarde? E se o bandido os estivesse demorando propositamente, na intenção de dar tempo aos seus correligionarios.

Rapidamente e vigiando o sempre. Harry desamarrara-o. O homem dirigiu-se para um armario, tirando de lá um volume de roupa e dois velhos turbantes, que entregou a Harry.

D'uma prateleira que continha um grande numero de frascos e garrafas, com liquidos de todas as cores,

tirou uma pequena tijela que continha um liquido acastanhado.

—Com isto costumo fazer um flocor, mas pode servir tambem para vos pintar a cara, dando-nos a cor propria da nossa raça.

Sherlock Holmes comprehendeu. Olhando fixamente o indio, collocou o revolver sobre a mesa e começou a esfregar o rosto, os braços e as mãos com o liquido. Harry imitou-o. Vestiram ambos os trajes indios, cobriram a cabeça com os turbantes e, pouco depois, ninguém os differenciaria dos habitantes do paiz do sul.

—Vae adiante de nós, ordenou o polícia, e não esqueças que ha atraz de ti duas pessoas que seguem todos os teus movimentos e ao menor signal de traigão te metterão uma bala nas costas.

O filho da India curvou a fronte e, tremendo, abriu a porta sahindo do quarto seguido dos dois policias.

Com passos cautelosos atravessou o corredor e um pateo lajado, chegando em seguida junto d'uma porta tendo desenhados caracteres estranhos e indecifráveis.

Essa porta estava trancada e a tranca estava, ainda por cima, fechada com um cadeado.

Com um esforço, o indio conseguiu tirar a tranca.

Trou, em seguida, do bolso uma chave de ferro extranha, que introduziu na fechadura.

A porta abriu-se. Aos policias deparou-se então uma abertura escura, a que não se via o fundo, e da qual vinha um cheiro a bafo. Uma escada muito íngreme, formada por degraus de pedra, muito escorregadios, conduzia ao fundo.

Os tres homens começaram a descer em silencio, tendo de fazer o com o maximo cuidado, para não cahirem.

Chegados a um pequeno patamar, o indio voltou-se e, fazendo um signal especial com as mãos, explicou:

—Este é o signal secreto da nossa associação.

«Se um dos meus irmãos nos encontrar no caminho, façam este gesto e ninguém os importunará.

O polícia fez o repetir o gesto, para o fixar bem na memoria, depois do que proseguira o seu caminho.

A descida parecia não ter fim, como se caminhassem para o inferno.

A passagem subterranea passou depois a ter uma direcção horizontal estendendo-se tanto que só podiam caminhar a um de fundo. Grandes raiaes passavam-lhe sobre os pés, quinchando e mordendo nas botas, quando eram involuntariamente pisadas.

—Onde nos conduz? exclamou Sherlock Holmes irritado. Avizo-te e aconselho-te a que não tentes enganar nos!

—O caminho não é bom, replicou o indio, mas conduz nos ao ponto que desejamos.

A lanterna electrica de Sherlock Holmes dirigia-se para todos os lados aluminiando as paredes do cor-

redor subterraneo. O genial polícia conseguia divisar algumas ramificações do corredor pelas quaes desapareciam rapidamente vultos embuscados que se cruzavam com Holmes e os seus compaheiros.

Existia, provavelmente, uma rede completa de passagens subterrâneas.

Depois de caminarem mais alguns metros voltaram novamente á esquerda.

Deparou-se-lhe então um homem alto, embuçado, que os examinou rapidamente. Como o commando, os tres homens fizeram o signal secreto, que o repetiu igualmente. Em seguida encostou-se á parede para os deixar passar.

Continuaram a caminhar, Sherlock Holmes, com todos os musculos contrahidos, cheio de ansiedade e interesse. Harry com o coração batendo apressadamente e o indio como preso d'um profundo pavor.

Viram, finalmente, no extremo do corredor uma luz avermelhada e, ao approximar-se, viram uma escura caverna, em cujas paredes de rocha humida estavam presos arcbotes cujas luz vermelha lançava sobre as paredes cheias de crystaes reflexos magicos.

Alguns homens moviam-se d'um para outro lado e outros estavam de joelhos, orando em frente d'uma estatu de pedra, erecta no centro da caverna.

Os dois inglezes suspiravam a respiração, olhando para a enorme figura de pedra que representava indubitavelmente entre um idolo, uma divindade hindú.

Era uma figura de mulher, meio lobo, meio humana, cujos pés terminavam em garras d'abutre. Os olhos eram formados por enormes rubis.

—Que significa isto? perguntou Sherlock Holmes ao seu guia.

—E' Bhawani, a deusa do sangue, retrorqui o indio. Sacrificamos-lhe tudo que possuímos para que ella nos livre da morte e da desgraça, nos evite crime e infamia e, finalmente, para que conceda a liberdade ao nosso paiz escravizado. Nós somos pobres, porque depomos tudo que possuímos a seus pés, mas a deusa não quer ouvir-nos.

«Nós bem sabemos que ella exige grande sacrificios! Não é detalhe que se denomina a deusa do sangue! Ella exige vidas humanas em holocausto.

«Quer vêr sangue humano. E hoje, hoje chegou o dia em que nós podemos depor a seus pés o que ella deseja; hoje pode ella banhar o seu corpo divino em sangue humano fresco!

Calou-se de subito, ao recordar-se com quem estava fallando. Lembrou-se de subito que tudo estava perdido e que a victima ia ser-lhe arrancada no ultimo momento.

Fallara, n'um embriaguez que d'elle se apoderara, n'um encantamento religioso, que Sherlock Holmes e Harry viam com horror.

O indio perdeu de subito toda a viraciedade com que acompanhara os seus palavras e encolheu-se, encostando-se á parede sem fôrça.

Aos seus olhos negros, que pouco antes tinham

brilhado com o fogo do fanatismo, pareciam amortecidos.

Os dois inglezes olhavam, horrorizados, os infelizes, cujos espiritos estavam tão turbados e cujas almas se achavam transviadas do caminho da bondade e da humanidade.

Com um olhar onde se casavam a compaixão e a repulsa, Sherlock Holmes voltou-se para o indio, que continuava immovel, fitando um ponto fixo no espago.

—Tu dizes, exclamou o celebre criminalista, que imolares victimas á deusa para que ella vos preserve da infamia e do crime. Julgas que não é peccado, reunir a vida a homem, a um ente e criação de Vidhi, o teu Deus Supremo?

—Vidhi não cria e conserva os filhos da India e aquelle é allemaio, foi a resposta.

—Mas aquelle homem é uma creatura de Deus e é, por conseguinte, um crime aniquilar o, teimou Holmes.

—O fim santifica os meios, pronunciou lentamente o indio, como se recitasse palavras aprendidas.

—Quem te ensinou essa doutrina? exclamou Holmes. A sua attenção fór porcm atrahida para o que se estava passando a seus pés, na caverna.

Os homens que tinham estado em oração levantaram-se e começaram excutando uma dança horrivel e selvagem, durante a qual arrancavam os vestidos, ferindo-se a si proprios com facas e punhalas.

Enojado pelo espectáculo, o polícia desviou os olhos, e pensou então com terror na sorte que esperava Ricardo Sacco. Não podia podia perder-se nem mais minuto, sob risco do *fikir* cahir entre os mãos d'aquelles tresloucados.

Apertou fortemente o braço do indio, que empallideceu.

—Leva-me immediatamente para junto do allemaio que eu procuro, ameago Holmes, ou mato-te sem demora!

—Deixa-me procurar, g'uejon o desgraçado; eu julgo que elle estive no lugar onde ha de ser immolado.

—Conheces um caminho que conduz junto d'uma corrente d'agua, sob a terra? perguntou o grande polícia, percorrendo rapidamente o corredor no sentido inverso. Ha pouco tempo ainda consegui chegar proximo d'essa torrente, mas não pude continuar...

—Eu mostro esse caminho, prometteu o indio, obediente.

Os tres homens continuaram a caminhar em silencio.

As paredes do corredor subterraneo iam-se tornando cada vez mais humidas, o chão mais empoaçado e, subitamente, os policias ouviram o som d'uma torrente que quanto mais avançavam, mais forte se tornava.

—E' a sahia subterranea das aguas, explicou o indio; alli, detraz d'aquella volta, ha um esconderijo;

onde Carlos Angra permanecia durante a noite, quando não tinha casa. Talvez que o alemão ali se encontrasse.

O indio parou. Curvou-se para diante, para escutar. Sherlock Holmes voltou-se para Harry, dizendo-lhe em voz baixa, cautelosamente:

—Prepara as tuas armas!

Dobramos então a esquina do corredor, que terminava ali. Acabava n'uma cavidade elipsoidal, que estava tapada com pedaços velhos de latão e fragmentos de taboas.

Um fio d'agua suja corria lentamente d'entre as taboas.

O celebre policia mettu a mão que empunhava a lanterna, atravez da abertura praticada nas taboas, e clamou o interior, enquanto Harry se inclinava para diante, espiando.

Não vimos mais que uma cavidade vasta, com alguns pedaços d'agua. A luz não conseguia chegar aos pontos mais recônditos da fuma. Decidiram então arrombar algumas taboas, o que depois d'alguns esforços, conseguiram.

Puxando os revólveres e conservando os preparativos da primeira vez, os dois policias penetraram na cavidade.

Alumiaram todos os cantos, saltando por fim uma exclamação d'allegria.

Sobre uma camada de palha e de folhas secas desencuava um homem.

Sherlock Holmes approximo-se a lanterna do rosto: esse homem era Ricardo Sacco!

—Estará morto? murmurou Harry recesso.

O genial policia tinha-se já ajoelhado junto do prisioneiro, encostando-lhe o ouvido á região cardíaca.

«Dorme, apenas, exclamou, sacudindo vigorosamente o fahir.

—Olá, senhor Sacco! Accordel! Chegou a hora da tua libertação! gritou Holmes.

O fahir moveu-se e suspirou. Abriu em seguida os olhos e fitou o policia, que o abraçava ansiosamente.

Com uma exclamação de algría, Ricardo Sacco pronunciou em voz enfraquecida pelas privações:

—Senhor Holmes? Sempre vivo, finalmente! Eu julgava já chegada a minha ultima hora. Só a esperança de não ser abandonado pelo senhor é que me mantinha vivo.

FIM

Ler no proximo numero:

No harem do sultão

Aventuras extraordinarias d'um policia secreto

—Depressa, depressa! Venha, levante-se, disse o policia

—Não pôde ser tão depressa como deseja, replicou o artista sorrindo, os bandidos manifestaram-me.

—Ah! era de prever.

Harry desamarrrou o rapidamente.

Sherlock Holmes foi o primeiro a sair da caverna, olhando em volta surprehendido.

—Olá, valente indio, exclamou, apparece e mostra-nos o caminho para fóra d'este labyrintho.

Ninguém respondeu.

O indio desaparecera.

Teria ido avisar os seus compatriotas, para que perseguissem os dois policias?

Os tres homens dirigiram-se apressadamente para a saída. Quando se approximavam da caverna onde, pouco antes, se tinha realizado a cerimonia religiosa a que Holmes assistira do longe, encontraram na abandonada e os archotes apagados.

Não encontraram ninguém e, ao chegarem á superfície, descobriram que tanto o proprietario como todos os frequizes da casa de opio tinham desaparecido.

Todos, não!

Num canto da sala, sobre um velho colchão, estava estendido, inanimado, um homem.

Era Carlos Angra. Foi debalde que Holmes tentou resanhar o friccionado-lhe a fazendo lhe tracções rhythmicas da lingua. Estava morto.

Assim terminou esta aventura do celebre policia que conseguiu mais tarde prender os membros da sociedade secreta hindu.

Ricardo Sacco, depois d'alguns dias de repouso, iniciou novamente a sua experiencia, conseguindo escalar 56 dias sem comer e terminando a com espanto de todos os homens de sciencia.

No dia em que devia partir de Londres, o fahir foi visitar Sherlock Holmes.

Conversaram longamente sobre a aventura e o policia mostrou-lhe então a folha de papel onde o fahir escrevera os versos que tanto tinham concorrido para o successo das pesquisas a que procedera Sherlock Holmes.

OS DESEQUILBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Armando Dabary)

O Amor nos suas diversas manifestações, regou, regerá e regerá perpetuamente o mundo. Provamos-nos o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nossa vida contemporânea.

E tudo as aberrações a que os paixões desvariadas conduzem os humanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que subordinou no titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quais os vícios contra natura, o hermaphrodismo, a hysterica, a depravação e a sumptos analógicos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* achou-se publicado o primeiro volume:

O Feticchista

Devido seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da feticchidade os seguintes, já no prelo:

Os Invertidos
O Hermaphrodita
O Hysterico
Os Flagellantes, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

500

REIS

Novidade Literaria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Soudan

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

1 vol. com capa artistica 700 rs.

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos

1. A Paschoa do Prometeu

2. Channas de voluptuosidade

3. Heli Moab, terra da luxuria

4. Pela sonda do amor

5. V. Beijo supremo

6. 1.º vol. em 8.º com artistica capa

a 8 tores 700 rs.

600 rs.

600 rs.

600 rs.

600 rs.

600 rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

1. Crimes no palacio Jackson

2. O caso d'uma perna

3. Evadido d'um malvado

4. Crimes impunes

5. Calvario d'um assassino

6. Um attentado terrorista

7. A creança maritima

8. Resgate sangrento

9. A falsa suicida

10. Um d'uma nas nuvens

11. Junto da guilhotina

12. Jackson, em poder dos bandidos

13. O do policia

14. O esqueleto vivo

15. Bandidos de casaca

16. A rinha dos apaches

17. Duas facanhas notaveis

18. Jackson envenenado

19. Ressurreição de Jackson

20. Sapatos de defuncto

21. Lord Jackson contra Sherlock Holmes

22. Holmes

23. Mulheres francas

24. Um milhão de policias

25. As Trevas de um Yankee

26. Coração torturado

27. O quarto dos mortos

28. A cobra certida

29. O segredo de comde

30. Tragico pela areia

31. A deserta dos bandidos

32. Os mysterios de Chicago

33. O subterraneo dos cadaveres

34. Por seguir uma mulher

35. A renuncia de Lord Jackson

60 cada volume

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

Reis

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilegios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. **rs. 600**

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 R. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL **R. 60**

É mais notavel e sensacional
♦ das novidades litterarias ♦

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

É um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

✚ HISTORIA de PORTUGAL ✚

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- 1 Viriato, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A invasão dos Arabes
- 7 Egas Moniz
- 6 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimarães

A seguir:

- 14 O rei t ovador
- 13 Rainha Santa Izabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Ignez de Castro

- 8 Conquista de Lishoa
- 9 Giraldo Sempavor
- 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazaréth)
- 11 Tomada d'Alcácer
- 12 Rainha D. Mécia
- 13 O Bolonhez

- 18 Vingança de Rei.
- 19 A Rainha Adultera
- 20 Maria Telles
- 21 Mestre d'Aviz

CAROLUS DIDIER

== A ORGIA BIBLICA ==

Romance passional, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA **rs. 100**

Não existe um americano, seja elle quem iôr, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta onhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, daviada se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lançes, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobis orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, emr agadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um sature de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam os mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime de Carruthers. 6. O rapto d'um noivo. 7. Visão mysteriosa. 8. Coca aos milhões. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de bototo. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hockert. 16. Um electrico peigoso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassinio de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. O poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo. 23. O mysterio chinéz. 24. A casa dos sete demonios. 25. A rainha dos sete. 26. O signal de morte. 27. Os demonios do Oriente. 28. Des-vida de Dazaar aos infernos. 29. O ultimo dos sete. 30. O Resuscitado.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa **100 rs.**

Dr. FEDRO GUERDEZ

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixaram de lhes apparecer soo um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8º grande illustrado
de 226 paginas e 1 appendico

700 reis — Elegantemente cartonado — **reis 700**